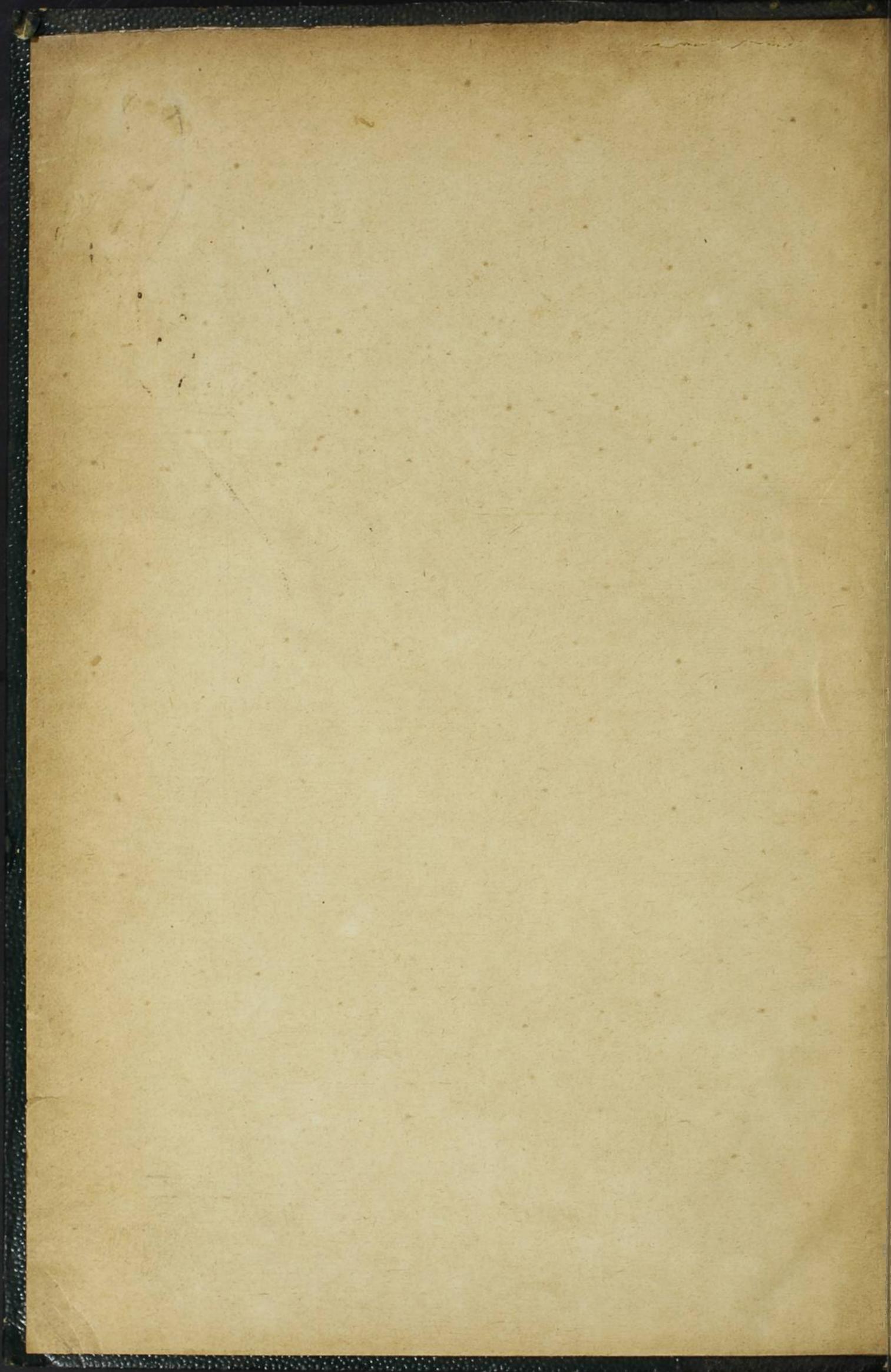




le ne fay rien
sans
Gayeté

(Montaigne, Des livres)

Ex Libris
José Mindlin



C-16
151

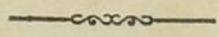
CANTOS DO BRAZIL



POESIAS

DE

Gonçalves Dias,
Casimiro de Abreu, Junqueira Freire,
Laurindo Rebello, F. Varella, Castro Alves,
Antonio A. de Mendonça,
Teixeira de Mello, Luiz Guimarães,
Mello Moraes filho e Machado de Assis.



RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA DA GAZETA DE NOTICIAS
72 RUA SETE DE SETEMBRO 72
1880

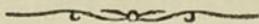
Extr. do *Almanak da Gazeta de Noticias* de 1881

Enfeixar num pequeno ramalhete algumas flores dispersas do jardim da poesia nacional foi o nosso intento, e pareceu-nos que seria agradavel áquelles que por ventura não possuum as obras de alguns dos nossos mais festejados poetas.

Assim, aqui reunimos algumas das mais populares poesias de Gonçalves Dias, Casimiro de Abreu, Junqueira Freire, Laurindo Rebello, Fagundes Varella, Castro Alves, Antonio Augusto de Mendonça, Teixeira de Mello, Mello Moraes Filho, Luis Guimarães e Machado de Assis.

Mais volume ficaria sem duvida esta collecção si lhe addicionassemos muitas outras

produccões egualmente dignas de apreço e com
egual direito de nella figurarem ; mas, como o
nosso fim era dar apenas uma pequena escolha
da lyrica nacional, fica-nos reservado o prazer
de organizar mais tarde um verdadeiro *Par-
nazo brasileiro* moderno, si a presente tenta-
tiva merecer o applauso publico.



CANÇÃO DO EXILIO

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá;
As aves que aqui gorgeliam
Não gorgeliam como lá.

Nosso céu tem mais estrellas,
Nossas varzeas têm mais flores,
Nossos bosques têm mais vida,
Nossa vida mais amores.

Em scismar sósinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Minha terra tem palmeiras,
Que taes não encontro eu cá,
Em scismar, sósinho, á noite,
Mais prazer encontro eu lá;
Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

Não permitta Deus que eu morra
Sem que volte para lá;
Sem que desfructe os primores
Que não encontro por cá;
Sem qu'inda aviste as palmeiras,
Onde canta o sabiá.

GONÇALVES DIAS.



SI SE MORRE DE AMOR!

Si se morre de amor! — Não, não se morre,
Quando é fascinação que nos surpreende
De ruidoso sarau entre os festejos;

Quando luzes, calor, orchestra e flores
Assomos de prazer nos raiam n'alma,
Que embellezada e solta em tal ambiente
No que ouve e no que vê prazer alcança!

Sympathicas feições, cintura breve,
Graciosa postura, porte airoso,
Uma fita, uma flor entre os cabellos,
Um *qué* mal definido, acaso podem
Num engano d'amor arrebatár-nos.

Mas isso amor não é; isso é delirio,
Devaneio, illusão, que se esvaece
Ao som final da orchestra, ao derradeiro
Clarão que as luzes ao morrer despedem;
Si outro nome lhe dão, si amor lhe chamam,
D'amor egual ninguem succumbe á perda.

Amor é vida ; é ter constantemente
Alma, sentidos, coração—abertos
Ao grande, ao bello ; é ser capaz d'extremos,
D'altas virtudes, té capaz de crimes !
Comp'hender o infinito, a immensidade,
E a natureza e Deus ; gostar dos campos,
D'aves, flores, murmúrios solitarios ;
Buscar tristeza, a soledade, o ermo,
E ter o coração em riso e festa:
E á branda festa, ao riso de nossa alma
Fontes de pranto intercalar sem custo ;

Conhecer o prazer e a desventura
No mesmo tempo, e ser no mesmo ponto
O ditoso, o miserrimo dos entes:
Isso é amor, e d'esse amor se morre !

Amar, e não saber, não ter coragem
Para dizer que amor que em nós sentimos ;
Temer que olhos profanos nos devassem
O templo, onde a melhor porção da vida
Se concentra ; onde avaros recatamos
Essa fonte de amor, esses thesouros

Inexgotaveis, d'illusões floridas ;
Sentir, sem que se veja, a quem se adora,
Comp'r'hender, sem lhe ouvir, seus pensamentos,
Seguil-a, sem poder fitar seus olhos,
Amal-a sem poder dizer que a amamos,
E, temendo roçar os seus vestidos,
Arder por afogal-a em mil abraços:
Isso é amor, e d'esse amor se morre !

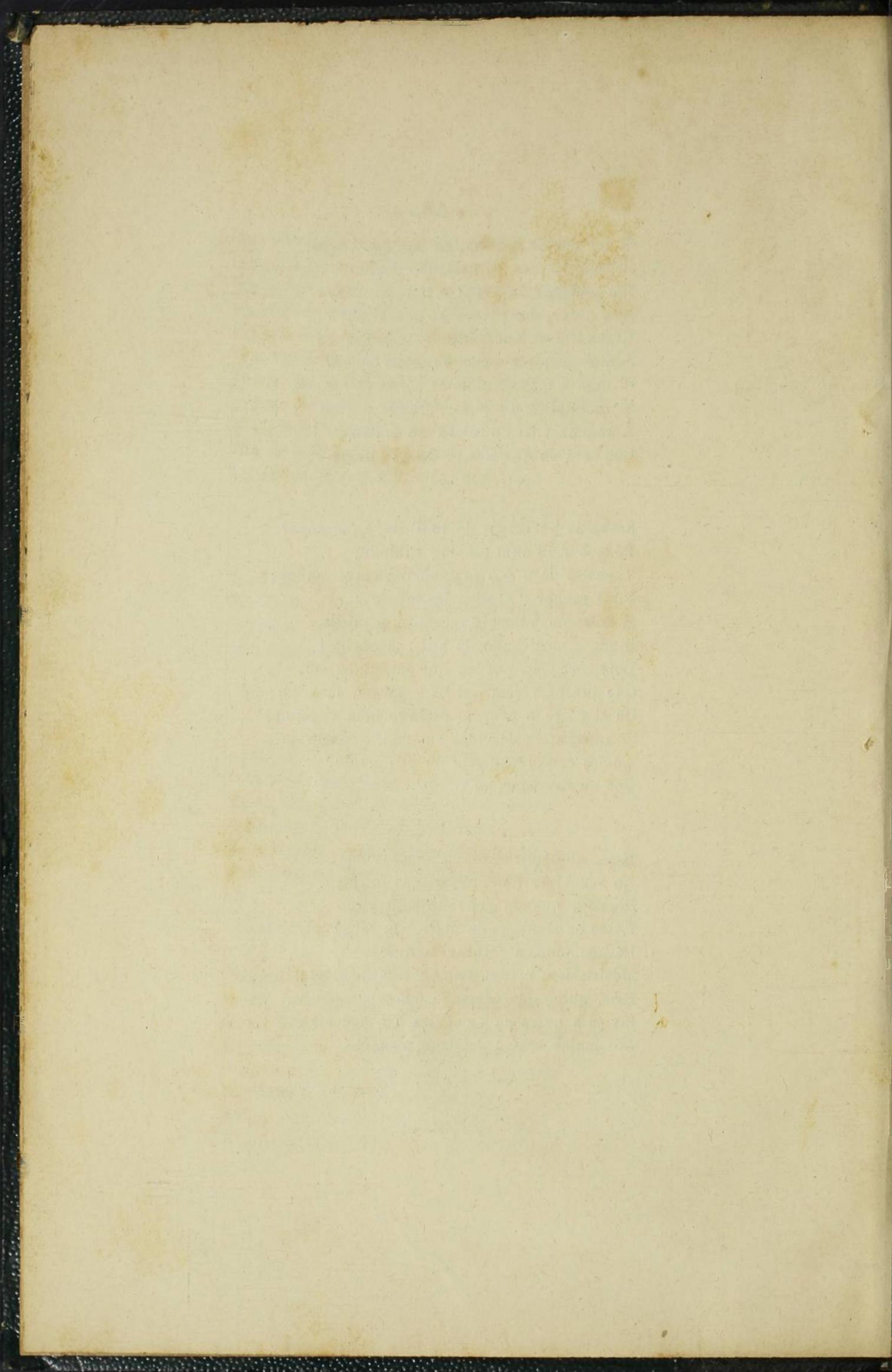
Si tal paixão, porém, emfim transborda,
Si tem na terra o galardão devido
Em reciproco affecto; e unidas, uma,
Dois seres, duas vidas se procuram,
Entendem-se, confundem-se e penetram
Juntas—em puro céu d'extasis puros:
Si logo a mão do fado as torna estranhas,
Si os duplica e separa, quando unidos
A mesma vida circulára em ambos;
Que será do que fica, e do que longe

Serve ás borrascas de ludibrio e escarneo?
Póde o raio num pincaro cahindo,
Tornal-o dois, e o mar correr entre ambos;
Póde rachar o tronco levantado
E dois cim os depois verem-se erguidos,
Signaes mostrando da alliança antiga;
Dois corações, porém, que juntos batem,
Que juntos vivem,—si os separam, morrem;
Ou si entre o proprio estrago inda vegetam,
Si apparencia de vida, em mal, conservam,
Ancias cruas resumem do proscripto,
Que busca achar no berço a seultura!

Esse, que sobrevive á propria ruína,
Ao seu viver do coração — ás gratas
Illusões, quando em leito solitario,
Entre as sombras da noite, em larga insomnia,
Devaneando, a futurar venturas,
Mostra-se e brinca a appetecida imagem;
Esse, que á dôr tamanha não succumbe,
Inveja a quem na sepultura não encontra
Dos males seus o desejado termo!

GONÇALVES DIAS.





ADEUS

AOS MEUS AMIGOS DO MARANHÃO

Meus amigos, adeus! Já no h rizonte
O fulgor da manhã se impurplece;
E' puro e branco o céu,—as ondas mansas,
—Favoravel a brisa;—irei de novo
Sorver o ar purissimo das ondas,
E na vasta amplidão dos céus e mares
De vago imaginar embriagar-me!
Meus amigos, adeus! Verei fugindo
A lua em campo azul, e o sol no oceano
Tingir de fogo a implacidez das aguas;
Verei horridas trevas lento e lento
Descerem, como um crepe funerario
Em negro esquife onde repousa a morte;
Verei a tempestade, quando alarga
As negras azas de volções, e as vagas
Soberbas, encastella esporeando
O curvo bojo de ligeiro barco,
Que geme, e ruge, e i npina-se insoffrido
Galgando os escarcéus,—bem larga esteira
De phosphoro e de luz traz si deixando;
Generoso corsel, que seate as cruces
Agudas de teimosos acicates
Lacerarem-lhe rapidas o ventre.

Inda uma vez, adeus! Curtos instantes
De ineffavel prazer—horas bem curtas
De ventura e de paz frui comvosco;
Oasis que encontrei no meu deserto.
Tepido valle entre fragosas serras
Virente derramado, foi a quadra
Da minha vida, que passei comvosco.
Aqui de quanto amei, do que hei soffrido,
De tudo quanto almejo, espero ou temo,
Deslembrado vivi! Oh! quem me dera
Que entre vós outros me alvejasse a fronte,
E que eu morresse entre vós! Mas força occulta,
Irresistivel, me persegue e impelle,
Qual folha instavel em ventoso estio
Do vento ao sopro a esvoaçar sem custo;
Assim vou eu sem tino,—aqui pegadas
Mal firmes assentando—além pedaços
De mim mesmo deixando. Na floresta
O lasso viandante extraviado
Por todo o verde bosque estende os olhos,
E cansado esmorece—cahe, medita,
Respira mais de espaço, cobra alento,
E nas solidões de novo cil-o se entranha.
Vestigios mal seguros sopra o vento,
Ou nivella-os a chuva, ou relva os cobre:
Talvez que folhas asperas de arbusto
Mordam vellos da tunica, e denotem
(Duvida o viajor, que os vê com pasmo)
Que errante caminheiro alli passasse.

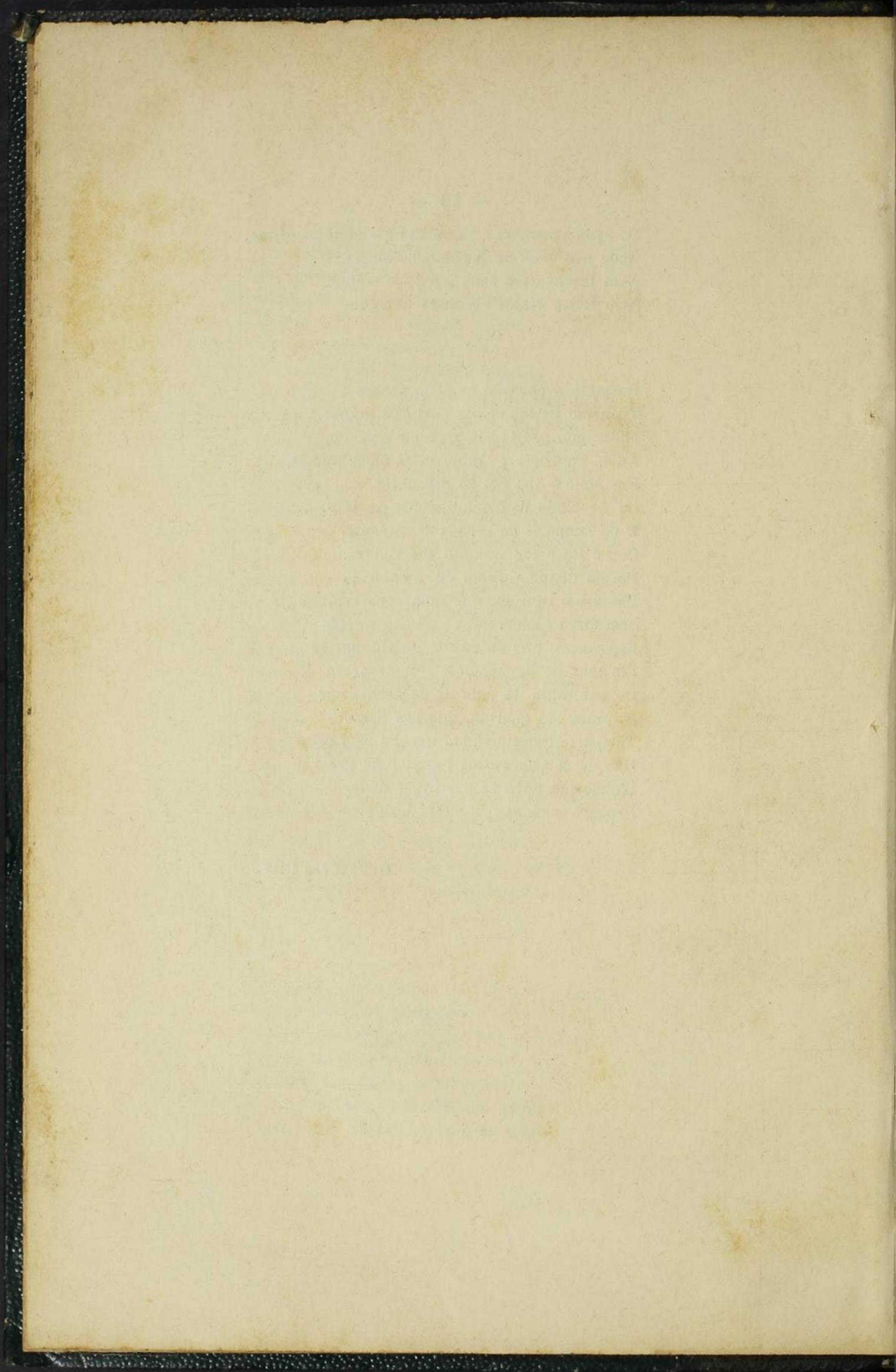
E eu parti! Não chorei, que do meu pranto
A larga fonte jaz de ha muito exhausta;
Ha muito que os meus olhos não gottejam
O repassado fel d'acre amargura;
E o pranto no meu peito reprezado
Em cinza o coração me ha convertido.
É assim que um volcão se torna fonte

De lympha amarga e quente ; e a fonte em ermo,
Onde não crescem perfumadas flores,
Nem ternas aves seus gorgeios soltam,
Nem triste viajor encontra abrigo.

Rasgado o coração de pena acerba
Tranzido de aflições, cheio de mágoa,
Miserando parti ! tal, quando reprobado,
Adão, cobrindo os olhos co'as mãos ambas,
Em meio á sua dôr sô descobria
Do Archanjo os candidissimos vestidos,
E os lampejos da espada fulminante,
Que o Eden tão mimoso lhe vedava.
Porém quando algum dia o colorido
Das vivas illusões, que inda conservo,
Sem força esmorecer,—e as tão viçosas
Esp'ranças, que eu educo, se afundarem
Em mar de desenganos ; —a desgraça
Do naufragio da vida ha de arrojarme
A' praia tão querida, que ora deixo.
Tal parte o desterrado: um dia as vagas
Hão de os seus restos regeitar na praia,
D'onde tão novo se partira, e onde
Procura a cinza fria achar jazigo.

GONÇALVES DIAS.





MINH'ALMA É TRISTE

(CANÇÃO POPULAR)

Minh'alma é triste como a rôla allicta
Que o bosque acorda desde o albor da aurora,
E em doce arrulo que o soluço imita
O morto esposo gemedora chora.

E, como a rôla que perdeu o esposo,
Minh'alma chora as illusões perdidas,
E no seu livro de fanado gôso
Relê as folhas que já forão lidas.

E como notas de chorosa endeixa
Seu pobre canto com a dôr desmaia,
E seus gemidos são eguaes á queixa
Que a vaga sólta quando beíja a praia.

Como a criança que banhada em prantos
Procura o brinco que lhe levou o rio,
Minh'alma quer resuscitar nos cantos
Um só dos lyrios que murchou o estio.

Dizem que ha gozos nas mundanas galas,
Mas eu não sei em que o prazer consiste ;
— Ou só no campo, ou no rumor das salas,
Não sei porque—mas a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como a voz do sino
Carpindo a morte sobre a lage fria ;
E doce e grave qual no templo um hymno,
Ou como a prece ao desmaiar do dia.

Si passa um bote com as velas soltas,
Minh'alma o segue n'amplidão dos mares:
E longas horas acompanha as voltas
Das andorinhas recortando os ares.

A's vezes, louca, num seismar perdida,
Minh'alma triste vai vagando á tóa,
Bem como a folha que do sul batida
Boia nas ondas de gentil lagôa.

E como a rôla que em sentida queixa
O bosque acorda desde o albor da aurora,
Minh'alma em notas de chorosa endeixa
Lamenta os sonhos que já tve outr'ora.

Dizem que ha gozos no correr dos annos !
Só eu não sei em que o prazer consiste ;
— Pobre ludibrio de crueis enganos,
Perdi os risos—a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como a flor que morre
Pendida á beira do riacho ingrato ;
Nem beijos dá-lhe a viração que corre,
Nem doce canto o sabiá do matto ;

E como a flor que solitaria pende
Sem ter caricias no voar da brisa,
Minh'alma murcha, mas ninguem entende
Que a pobresinha só de amor precisa !

Amei outr'ora com amor bem santo
Os negros olhos de gentil donzella,
Mas d'essa fronte de sublime encanto
Outro tirou a virginal capella.

Oh ! quantas vezes a preendi nos braços !
Que o diga e falle o laranjal florido !
Si mão de ferro espedaçou dous laços,
Ambos chorámos, mas n'um só gemido !

Dizem que ha gozos no viver d'amores,
Só eu não sei em que o prazer consiste !
— Eu vejo o mundo na estação das flores...
Tudo sorri—mas a minh'alma é triste !

Minh'alma é triste como o grito agudo
Das arapongas no sertão deserto ;
E como o nauta sobre o mar sanhudo
Longe da praia que julgou tão perto !

A mocidade no sonhar florida
Em mim foi beijo de lasciva virgem :
— Pulava o sangue e me fervia a vida,
Ardendo a fronte em bacchanal vertigem:

De tanto fogo tinha a mente cheia !...
No afan da gloria me atirei com ancia...
E, perto ou longe, quiz beijar a s'reia
Que em doce canto me attrahiu na infancia.

Ai ! loucos sonhos de mancebô ardente !
Esp'ranças altas... Eil-as já tão razas !...
— Pombo selvagem, quiz voar contente...
Feriu-me a bala no bater das azas !

Dizem que ha gozos no correr da vida...
Só eu não sei em que o prazer consiste !
— No amor, na gloria, na mundana lida,
Foram-se as flores—a minh'alma é triste!

CASIMIRO DE ABREU.

MINHA TERRA

CANÇÃO DO EXILIO)

Minha terra tem palmeiras,
Onde canta o sabiá.

G. DIAS.

Todos cantam sua terra,
Tambem vou cantar a minha,
Nas debeis cordas da lyra
Hei de fazel-a rainha ;
— Hei de dar-lhe a realeza,
Nesse throno de belleza
Em que a mão da natureza
Esmerou-se em quanto tinha.

Correi pr'as bandas do sul:
Debaixo d'um céu de anil
Encontrareis o gigante
Santa Cruz, hoje Brazil;
— É uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa falla amores
Nas bellas tardes de abril.

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta,
E nem as canta um mortal!
— É uma terra encantada
— Mimoso jardim de fada —
Do mundo todo invejada,
Que o mundo não tem igual.

Não, não tem, que Deus fadou-a
D'entre todas -- a primeira:
Deu-lhe esses campos bordados,
Deu-lhe os leques da palmeira,
E a borboleta que adeja
Sobre as flores que ella beija,
Quando o vento rumoreja
Na folhagem da mangueira.

É um paiz magestoso
Essa terra de Tupá,
Desd'o Amazonas ao Prata,
Do Rio Grande ao Pará!
— Tem serranias gigantes,
E tem bosques verdejantes,
Que repetem incessantes
Os cantos do sabiá.

Ao lado da cachoeira,
Que se despenha fremente,
Dos galhos da sapucaia
Nas horas do sol ardente,
Sobre um solo d'açucenas,
Suspensa a rêde de pennas,
Alli nas tardes amenas
Se embala o indio indolente.

Foi alli que noutro tempo
A' sombra do cajazeiro
Soltava seus doces carmes
O Petrarca brazilleiro ;
E a bella que o escutava
Um sorriso deslisava
Para o bardo que pulsava
Seu alaúde fagueiro.

Quando Dirceu e Marilia
Em ternissimos enleios
Se beijavam com ternura
Em celestes devaneios ;
Da selva o vate inspirado,
O sabiá namorado,
Na lorangeira pousado
Soltava ternos gorgeios.

Foi alli, foi no Ypiranga,
Que com toda a magestade
Rompeu de labios augustos
O brado da liberdade ;
Aquella voz soberana
Voou na plaga indiana
Desde o palacio á choupana,
Desde a floresta á cidade !

Um povo ergueu-se cantando
— Mancebos e anciãos —
E, filhos da mesma terra,
Alegres deram-se as mãos ;
Foi bello ver esse povo,
Nas suas glorias tão novo,
Bradando cheio de fogo :
— Portugal ! somos irmãos ! —

Quando nasci, esse brado
Já não soava na serra,
Nem os echos da montanha
Ao longe diziam—guerra!
Mas não sei o que sentia
Quando, a sós, eu repetia
Cheio de nobre ousadia
O nome da minha terra!

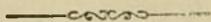
Si brasileiro eu nasci,
Brazileiro hei de morrer,
Que um filho d'aquellas mattas
Ama o céo que o viu nascer;
Chora, sim, porque tem prantos,
E são sentidos e santos
Si chora pelos encantos
Que nunca mais ha de ver.

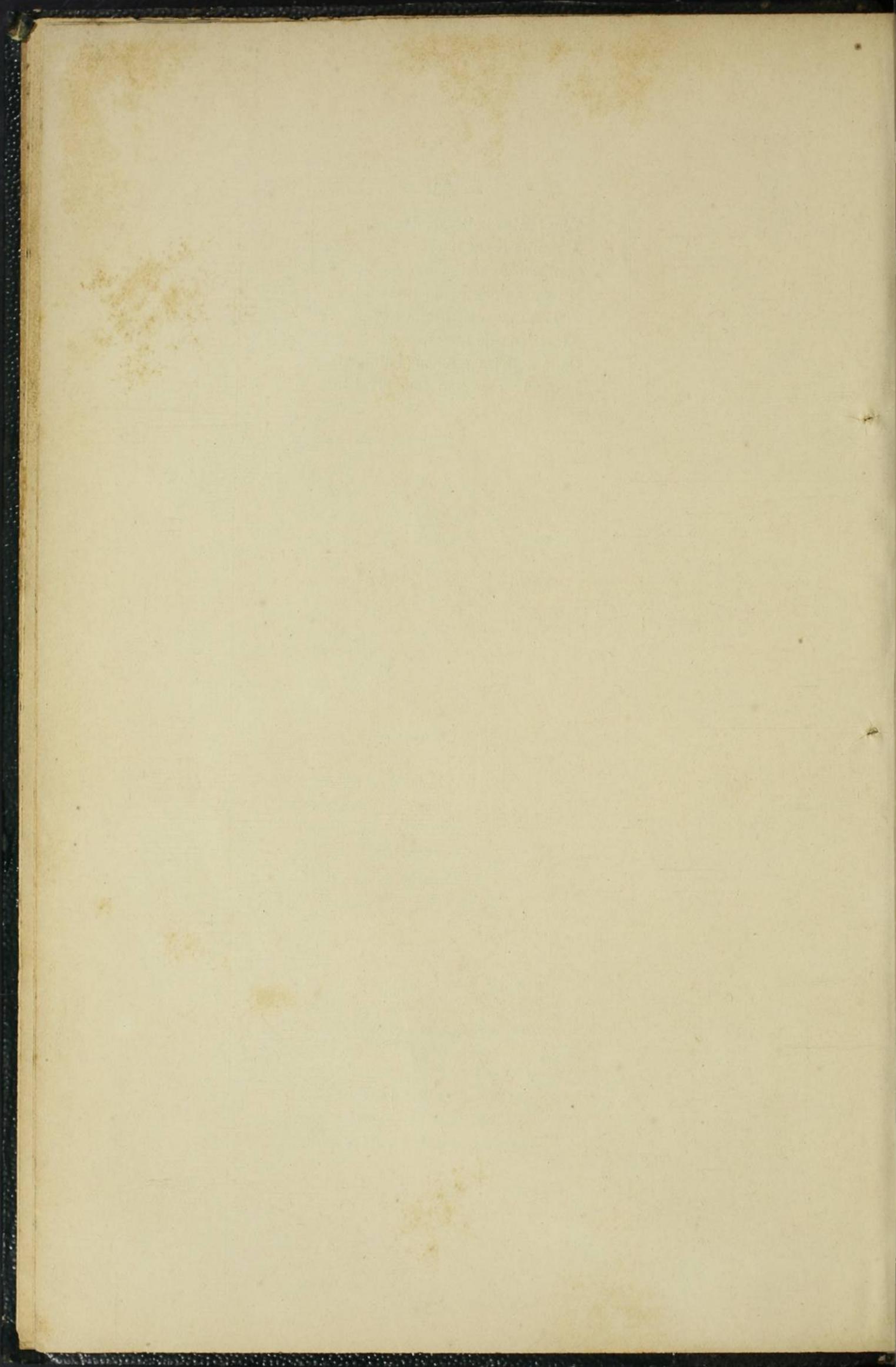
Chora, sim, como suspiro
Por esses campos que eu amo,
Pelas mangueiras copadas
E o canto do gaturamo;
Pelo rio caudaloso,
Pelo prado tão relvoso,
E pelo tyê formoso
Da goiabeira no ramo!

Quiz cantar a minha terra,
Mas não pode mais a lyra;
Que outro filho das montanhas
O mesmo canto desfira,
Que o proscripto, o desterrado,
De ternos prantos banhado,
De saudades torturado,
Em vez de cantar—suspira!

Tem tantas bellezas, tantas,
A minha terra natal,
Que nem as sonha um poeta
E nem as canta um mortal!
— E' uma terra de amores
Alcatifada de flores,
Onde a brisa em seus rumores
Murmura: — não tem rival!

CASIMIRO DE ABREU.





AMOR E MEDO

Quando eu te fujo e me desvio cauto
Da luz de fogo que te cerca, ó bella,
Comtigo dizes, suspirando amores:
« — Meu Deus, que gelo, que frieza aquella! »

Como te enganas! meu amor é chamma,
Que se alimenta no voraz segredo,
E si te fujo é que te adoro louco...
És bella — eu moço; tens amor, eu — medo!...

Tenho medo de mim, de ti, de tudo,
Da luz, da sombra, do silencio ou vozes,
Das folhas seccas, do chorar das fontes,
Das horas longas a correr velozes.

O véu da noite me atormenta em dôres,
A luz da aurora me entumece os seios,
E ao vento fresco do cahir das tardes
Eu me estremeço de crueis receios.

É que esse vento que na varzea — ao longe,
Do colmo o fumo caprichoso ondeia,
Soprando um dia tornaria incendio
A chamma viva que teu riso ateia!

Ai! si abrazado crepitasse o cedro,
Cedendo ao raio que a tormenta envia,
Diz:— que seria da plantinha humilde
Que á sombra d'elle tão feliz crescia?

A labareda que se enrosca ao tronco
Torrára a planta qual queimára o galho,
E a pobre nunca reviver pudera,
Chovesse embora paternal orvalho!

Ai! si eu te visse no calor da sesta,
A mão tremente no calor das tuas,
Amarrotado o teu vestido branco,
Soltos cabellos nas espaduas nuas!...

Ai! si eu te visse, Magdalena pura,
Sobre o velludo reclinada a meio,
Olhos cerrados na volupia doce,
Os braços frouxos — palpitante o seio!...

Ai! si eu te visse em languidez sublime,
Na face as rosas virginaes do pejo,
Tremula a falla, a protestar baixinho...
Vermelha a bocca, soluçando um beijo!...

Diz:— que seria da pureza d'anjo, .
Das vestes alvas, do candor das azas?
— Tu te queimáras, a pisar descalça,
— Criança louca, — sobre um chão de brazas!

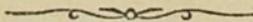
No fogo vivo eu me abrazára inteiro!
Ebrio e sedento na fugaz vertigem,
Vil, machucára com meu dedo impuro
As pobres flores da grinalda virgem!

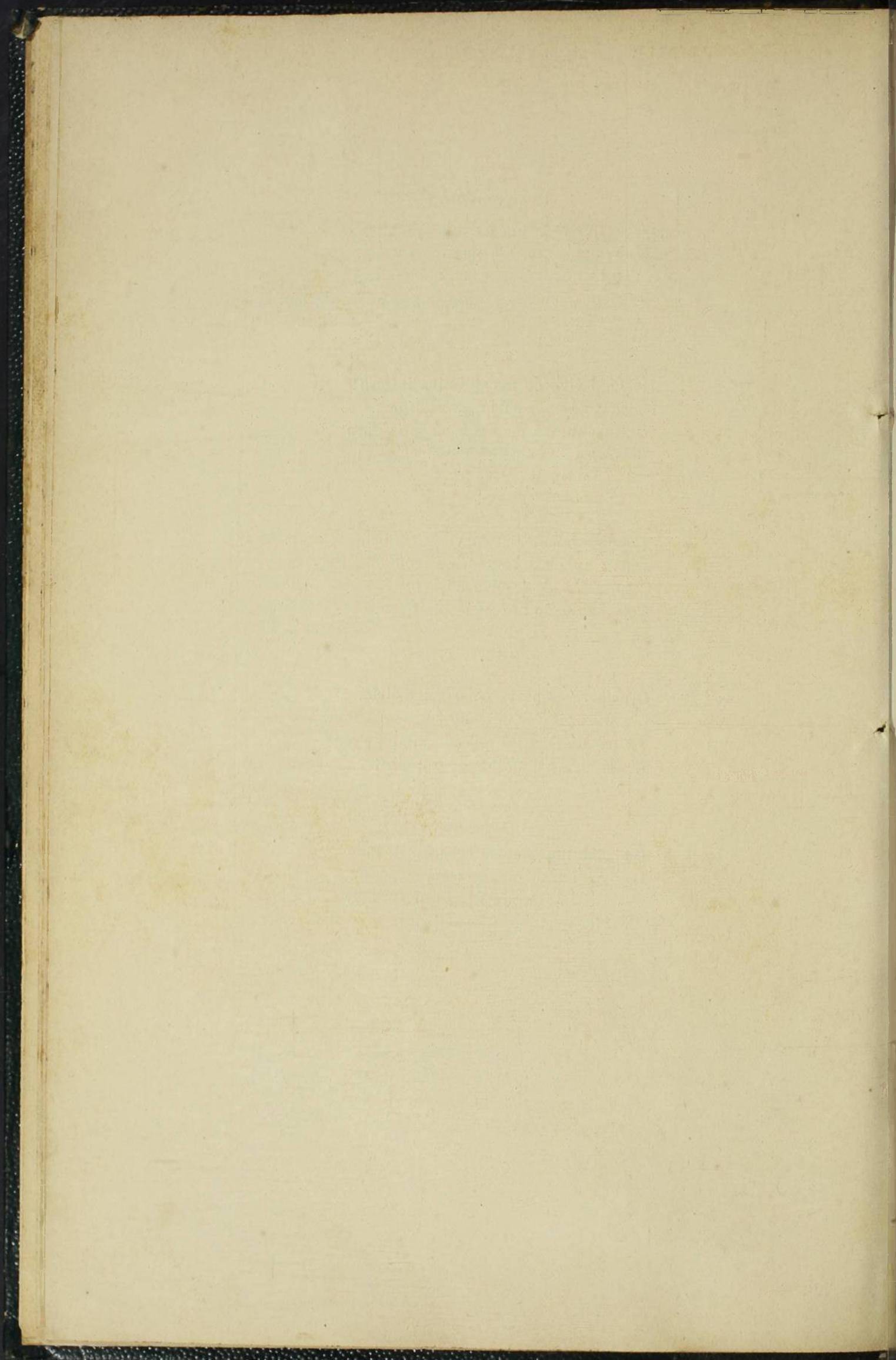
Vampiro infame, eu sorveria em beijos
Toda a innocencia que teu labio encerra,
E tu serias no lascivo abraço
Anjo enlodado nos paúes da terra.

Depois... desperta no febril delirio,
— Olhos pisados — como um vão lamento,
Tu perguntáras:— qu'è da minha c'rôa?...
Eu te diria: desfolhou-a o vento!...

Oh! não me chames coração de gelo!
Bem vês: trahi-me no fatal segredo.
Si de ti fujo é que te adoro, e muito,
E tu bella — eu moço; tens amor, eu — medo!...

CASIMIRO DE ABREU.





MEU LIVRO NEGRO

Eu sei que é santo e bom e de almas grandes
Dar ás glorias um hymno, a Deus um canto,
Ao culpado perdão ;
Dar ao vicio conselho, ao cego luzes,
A' velhice respeito, arrimo á infancia
E aos mendigos o pão !

Obrigado ! obrigado ! eu beijo a esmola
Do teu canto de fé ! Mas não te illudas,
Não te posso seguir.
Eu me assento nas pedras do caminho
E pergunto aos que passam: — « Inda é longe,
Muito longe o porvir ? »

Obrigado ! obrigado ! tu respondes,
E queres que eu descubra no horizonte
O que é nuvem talvez !
Obrigado, cantor ! rico de crenças,
Que repartes comigo os teus vestidos,
Por cobrir-me a nudez !

Levanto á pressa a tenda do descanso,
E, como não prosigo, eu te convido
 Á porta do meu lar;
Depois que eu te disser a lenda triste
Do meu livro sem luz, do — Livro Negro —
 Tu podes caminhar.

Escuta: — Tu, que tens na voz perfumes,
Chamas sempre ao meu canto — primaveras,
 Aos goivos — um jardim!
— Talvez que na charneca, por descuido,
Entre os juncos brotasse á beira d'agua
 O tronco d'um jasmim!

E' verdade, na mente deslumbrada
Borbulhou n'outro tempo alguma cousa
 De vago e de ideal!
Eram scintellas! mas, dormindo ás soltas,
Eu deixei consumir-se o fogo santo
 — Estupida vestal!

Agora em vão procuro aquelles cantos,
As rosas do jardim e o sonho amigo,
 Que tanto me embalou!
A minha alma, deserta de esperanças,
Já não póde sonhar! Meu Deus, é tarde!
 A vida já passou!

P'ra mim, que me perdi no desencanto,
Não tem o patrio céu estrellas vivas,
 Nem lyrios as manhãs.
Eu por cada illusão vivi dez annos!
O fructo da illusão nasceu precoce...
 Sou moço e tenho cãs!

Ai! bem cedo o tufão despiu-me os galhos!
E os galhos todos nós ao céu se elevam
Na supplica de dó!
No campo a primavera estende os mimos,
Tudo é verde no monte e na collina...
Mas ai! no inverno eu só!

Na testa trago a ruga prematura,
E do labio na prega desdenhosa
Não ha odio, mas fel!
— Ruinas de um castello não completo,
Aqui descubro um troço de columna,
— Mais longe um capitel!

Houve galas comtudo no edificio
Em dias venturosos de banquetes,
Por noites de festim!
As ogivas tremiam com mil luzes,
O parque tinha caça, a sala — amores,
Perfumes — o jardim!

Cuspiram-me na fronte e na grinalda,
Vergaram-me a cabeça ao despotismo,
A's garras da oppressão;
E ao contacto do marmore e do gelo
A lyra emmudeceu, penderam flores,
Extinguiu-se o vulcão!

Por cada canto eu tive offensas duras,
Pelos sonhos—o escarneo que apunhala,
Insultos por cantar!
Deitaram-me na taça o fel que amarga,
Mas a raça dos vis campeia impune,
Porque sei perdoar!

Obrigado ! obrigado ! E' doce ao menos
Receber na desgraça o aperto amigo
Do abraço fraternal !
A lagrima a cahir se muda em riso,
E póde a mão tecer na corda frouxa
Um hymno festival !

Feliz, tu que me acenas p'r'o futuro
—Na frente a inspiração, nas mãos a lyra,
E no teu peito o ardor !
Adeus ! eu não te sigo, é longa a estrada,
Assusta-me a tormenta e a noite escura...
Sou fraco luctador !

Podes ir ; eu te abraço e te abenço !
Volta e traze comtigo as verdes palmas
Que o futuro te der :
Adeus ! eu não te sigo... eu não perjuro...
A gloria é uma mulher, e tu bem sabes,
Eu amo outra mulher !

A gloria, quanto a mim, é a Messalina
Que vende sem pudor a face e os beijos
Na praça, á luz do sol !
Ama um dia e abandona o favorito
No leito do hospital, por cama—a valla,
Por mortalha—o lençol !

Não quero a gloria, não ! a gloria mente,
O fogo queima, a cicatriz não fecha,
E sangra o coração !
Não quero a gloria: eu peço ao céu socego,
Um bocado de amor, flores no campo,
E um ninho no sertão.

Lá eu posso viver na sombra escura,
Cercado das acacias perfumadas,
 Sósinho e bem feliz !
Por noites de luar o sertanejo
Suspira na guitarra cantilenas
 Que a lyra nunca diz !

Ha tristeza no choro das cascatas,
Ha mysterios nas vozes das florestas,
 Ha silphos pelos céus !
E a mente embevecida, absorta e pasma,
Em voz baixa ergue os hymnos da ventura,
 E baixo adora a Deus !

Da mulher adorada a fronte santa
Sentira no sagrado dos colloquios
 Como é fundo o sentir !
Do seu amor—que é perola sem preço—
Eu farei meu presente e meu passado,
 Meu sonho e meu porvir !

A vida no deserto é lago placido,
Não mar raivoso que sacode a escuma
 E que sepulta a nau !
—Eu lá serci feliz ; das murchas palmas
Apenas guardarei lembrança vaga,
 Como de um sonho mau.

Creio em Deus, e meu labio inda murmura
Essa mesma oração rezada á noite
 Pela quadra infantil ;
Beijo a mão que embalou meu berço quente,
Creio no amigo ; sei que o amor é santo
 E sei que a gloria é vil !

Bem vês, eu não me animo às vozes tuas!
Ai! é tarde, cantor! não posso... é tarde,
 Não me embala a illusão!
Retomo a lyra, balbucio um canto,
Sacudo o gelo por dizer-te d'alma:
 « Oh! obrigado, irmão! »

Eu da porta da tenda te abenço! —
Podes ir, bom romeiro do progresso...
 Eu deito-me a dormir!
O caminho tem neve, o lar tem fogo,
—Oh! o amor da mulher por quem se chora
 Vale mais que o porvir!

CASIMIRO DE ABREU.

A MINHA RESOLUÇÃO

O que fazes, ó minh'alma?
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Corre o ribeiro suave
Pela terra brandamente,
Si o plano condescendente
Delle se deixa regar;
Mas, si encontra algum tropeço
Que o leve curso lhe prive,
Busca logo outro declive,
Vai correr n'outro logar.

Segue o exemplo das aguas:
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Nasce a planta, a planta cresce,
Vai contente vegetando
Só por onde vai achando
Terra propria ao seu viver;
Mas, si acaso a terra esteril
Às raizes lhe é veneno,
Ella vai n'outro terreno
As raizes esconder.

Segue o exemplo da planta:
Coração, porque te agitas?
Coração, porque palpitas?
Porque palpitas em vão?
Si aquelle que tanto adoras
Te despreza, como ingrato,
Coração, sê mais sensato,
Busca outro coração!

Saiba a ingrata que punir
Tambem sei tamanho aggravo:
Si me tracta como escravo,
Mostrarei que sou senhor;
Como as aguas, como a planta,
Fugirei d'essa homicida;
Quero dar a um'alma fida
Minha vida e meu amor.

LAURINDO REBELLO.

DOUS IMPOSSIVEIS

Jámais ! quando a razão e o sentimento
Disputam-se o dominio da vontade,
Si uma nobre altivez nos alimenta
Não se perde de todo a liberdade.

A lucta é forte: o coração succumbe
Quasi nas ancias do luctar terrivel ;
A paixão o devora quasi inteiro,
Devoral-o de todo é impossivel !

Jámais ! A chamma crepitante lastra,
Em curso impetuoso se propaga ;
Lancem-lhe embora pranto sobre pranto,
E' inutil, que o fogo não se apaga.

Mas chega um ponto em que lhe acena o impeto,
Em que não queima já, nem martyriza,
Em que, tristeza branda e não loucura,
A' razão se sujeita e se harmonisa.

E nesse ponto de indizível tempo,
Como por mysterioso encantamento,
O sentir á razão vencer não póde,
Nem a razão vencer ao sentimento.

No fundo de noss'alma um espectáculo
Se levanta de triste magestade:
Si de um lado a razão seu facho accende,
Do outro os lyrios seus planta a saudade.

Melancolica paz domina o sitio,
Só da razão o facho bruxoleia,
Quando por entre os lyrios da saudade
Do zelo semi-morto a serpe ondeia!

Dous limites então na actividade
Conhece o ser pensante, o ser sensivel :
Um impossivel—a razão escreve,
Escreve o sentimento outro impossivel !

Amei-te! os meus extremos compensaste
Com tanta ingratição, tanta dureza,
Que assim como adorar-te foi loucura,
Mais extremos te dar fôra baixeza.

Minh'alma nos seus brios offendida
De prompto a seus extremos poz remate,
Que, mesmo apaixonada, uma alma nobre
Desespera-se, morre, não se abate.

Póde queimar-se inteira a felicidade
Do teu olhar de fogo inextinguível,
Acabar minha crença e meu futuro,
Aviltar-me ? jamais ! É impossível !

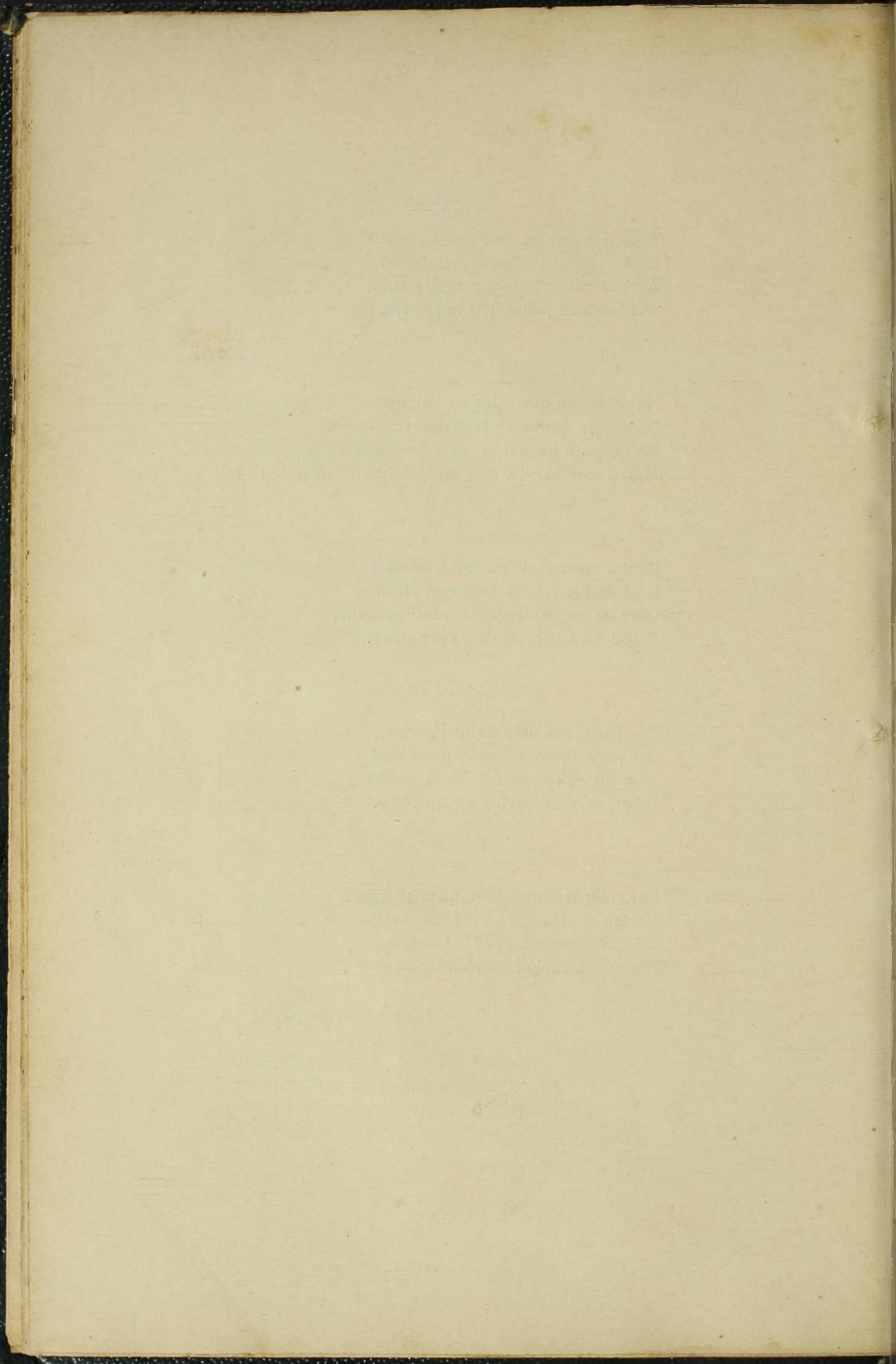
Mas a razão, que salva da baixeza
O coração depois de idolatrar-te,
Me anima a abandonar-te, a não querer-te ;
Mas a esquecer-te, não, sempre hei de amar-te !

Porém amar-te d'esse amor latente,
Raio de luz celeste e sempre puro,
Que tem no seu passado o seu presente,
E tem no seu presente o seu futuro.

Tão livre, tão despido de interesse,
Que para nunca abandonar seu posto,
Para nunca esquecer-te, nem precisa
Beber, te vendo, vida no teu rosto.

Que, desprezando altivo quantas graças
No teu semblante, no teu porte via,
Adora respeitoso aquella imagem
Que d'elle copiou na phantasia.

LAURINDO REBELLO.



CANTO DO CYSNE

Quando eu morrer, não chorem minha morte,
Entreguem o meu corpo á sepultura ;
Pobre, sem pompas, sejam-lhe mortalha
Os andrajos que deu-me a desventura.

Não mintam ao sepulchro apresentando
Um rico funeral d'aspecto nobre;
Como agora, a zombar, me dizem vivo,
Digam-me tambem morto—ahi vai um pobre!

E de amigos hypocritas não quero
Publicas provas de afeição fingida ;
Deixem-me morto só, como deixaram-me
Luctar contra a má sorte toda a vida.

Outros prantos não quero, que não sejam
Esse pranto de fel amargurado
De minha companheira de infortunios,
Que me adora, apesar de desgraçado.

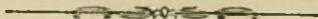
O pranto, açucena de minh'alma,
De coração sincero, d'alma sã,
De um anjo que tambem sente meus males,
De uma virgem que adoro como irmã.

Tenho um joven amigo ; tambem quero
Que junte em minha eça os prantos seus
Aos de um pobre ancião que perfilhou-me
Quando a filha entregou-me aos pés de Deus.

Dos meus todos eu sei que terei preces,
E saudades, e lagrimas tambem ;
Que não tenho a lembrança de offendel-os,
E sei quanta amizade elles me têm.

E, tranquillo, meu Deus, a vós me entrego,
Peccador de mil culpas carregado :
Mas os prantos dos meus perdão vos pedem,
E o muito que tambem tenho chorado.

LAURINDO REBELLO.



O HYMNO DA CABOCLA

CANÇÃO NACIONAL

Sou india, sou virgem, sou linda, sou debil,
E' quanto vós outros, ó tapes, dizeis!
Sabei, bravos tapes! que eu sei com destreza
Cravar minhas settas no peito dos reis!

Sabei que não canto sómente prazeres,
Sabei que não gemo sómente de amores:
Sabei que nem sempre vagueio nos bosques,
Sabei que nem sempre me adorno de flores.

Meus labios não beijam os labios do amante,
Meus labios combatem tyrannicas leis:
Meus labios são como trovões estupendos,
Que cospem coriscos na face dos reis!

Quem viu-me nas liças, quem viu-me covarde,
Aos silvos da flecha—quem viu-me escoar?
Eu sou como a onça, pequena e valente,
Eu sei os perigos da guerra affrontar!

Enchi meus carcazes de agudas taquaras,
Que iguaes nas florestas jámais achareis;
E d'essas taquaras fataes é que pendem
As vidas infames de todos os reis.

Sou india, não nego: meus finos cabellos,
Qual juba ferina, bem longos que são!
Porém esse peito, que férvido pulsa,
E' masculino, ó tapes! ou é de um leão!

Meu animo, ó tapes! aqui vos conjuro,
Bem cedo meu animo ardente vereis:
Que eu já me preparo co'as settas melhores,
Que saibam cravar-se no peito dos reis!

Eu tenho cingidos na frente, ó guerreiros,
Seis dentes de chefes de inimigas cohortes:
Na paz os meus dedos desfiam amores,
Na guerra os meus dedos disparam mil mortes!

São seis as victorias que cingem-me a testa,
Não vêdes, ó tapes? meus louros, são seis!
Quem cinge na testa seis louros de gloria,
Não teme essas tropas compradas dos reis.

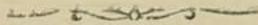
As minhas façanhas espantam os tapes ;
Invejam-me todos as altas façanhas:
Só ellas são como penhascos gigantes,
Só ellas são como brazileas montanhas !

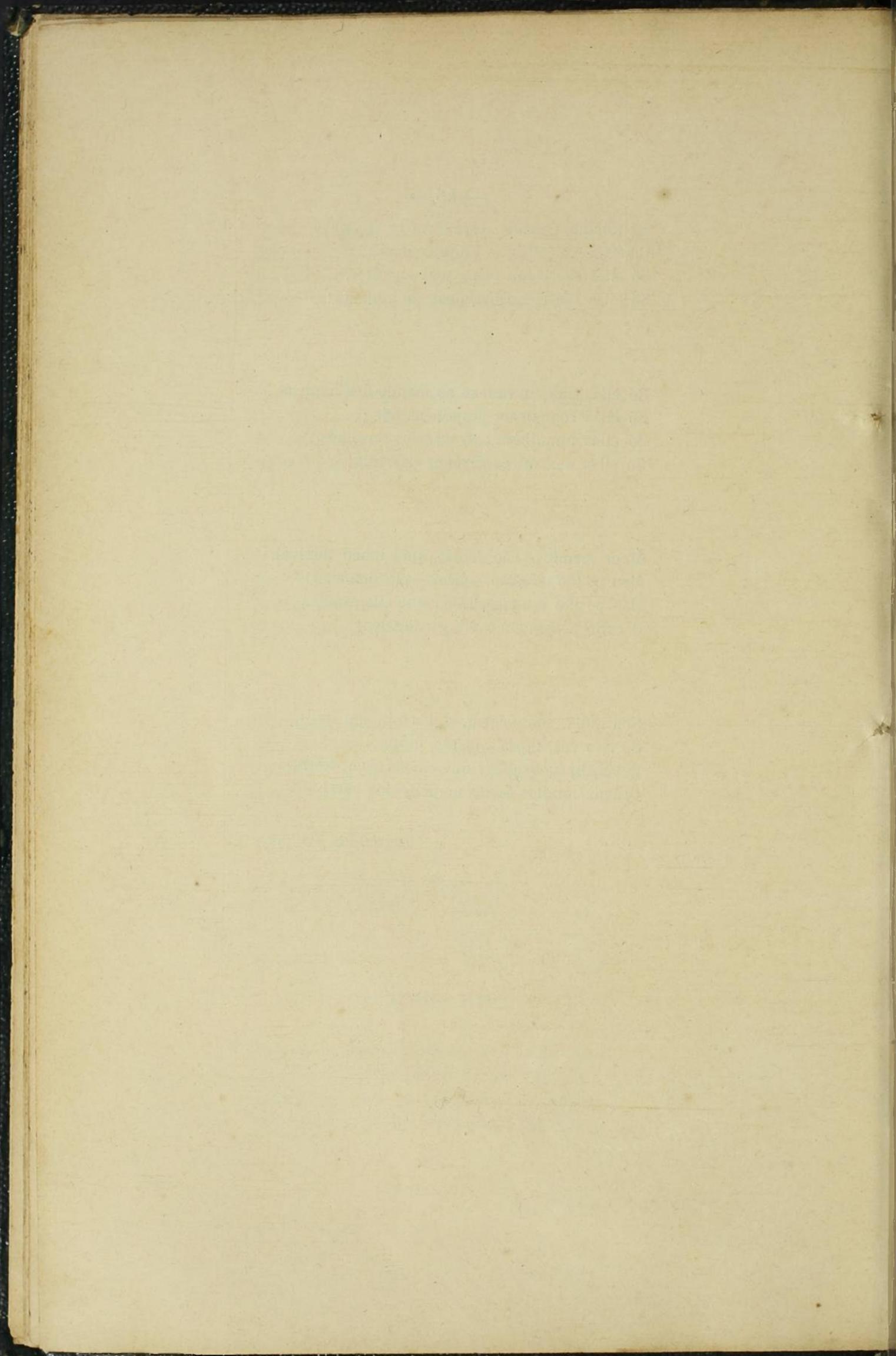
Só ellas não curvam-se ao mando dos homens,
Só ellas conculcam despoticas leis ;
Só ellas humilham a fronte aos tyrannos,
Só ellas abalam os thronos dos reis !

Meus membros são debeis, qual junco flexivel,
Meu pé tão mimoso,—dizeis—tão maneiro !
Mas pé tão mimoso, sabei que elle esmaga
O collo possante do vil estrangeiro !

Sou india, sou virgem, sou debil, sou fraca,
Só isso vós, tapes injustos, dizeis ;
Sabei, bravos tapes ! que eu sei com destreza
Cravar minhas settas no peito dos reis !

JUNQUEIRA FREIRE.





A ORPHÃ NA COSTURA

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor;
Seu cabelo era tão louro
Que nem uma fita de ouro
Tinha tamanho esplendor.

Suas madeixas luzidas
Lhe cahiam tão compridas
Que os pés lhe vinham beijar.
Quando ouvia as minhas queixas,
Em suas aureas madeixas
Ella vinha me embrulhar.

Tambem quando toda fria
A minha alma estremecia,
Quando ausente estava o sol,
Os seus cabellos compridos,
Como fios aquecidos,
Serviam-me de lençol.

Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era todo o meu amor.
Seus olhos eram suaves,
Como o gorgueio das aves
Sobre a choça do pastor.

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu !
Tenho em meu peito guardadas
Suas palavras sagradas
Co'os risos que ella me deu.

Os meus passos vacillantes
Foram por largos instantes
Ensinados pelos seus.
Os meus labios mudos, quedos,
Abertos pelos seus dedos,
Pronunciaram-me: Deus !

Mais tarde,—quando acordava
Quando a aurora despontava,
Erguia-me sua mão.
Fallando pela voz d'ella,
Eu repetia singela
Uma formosa oração.

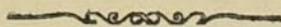
Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu !
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

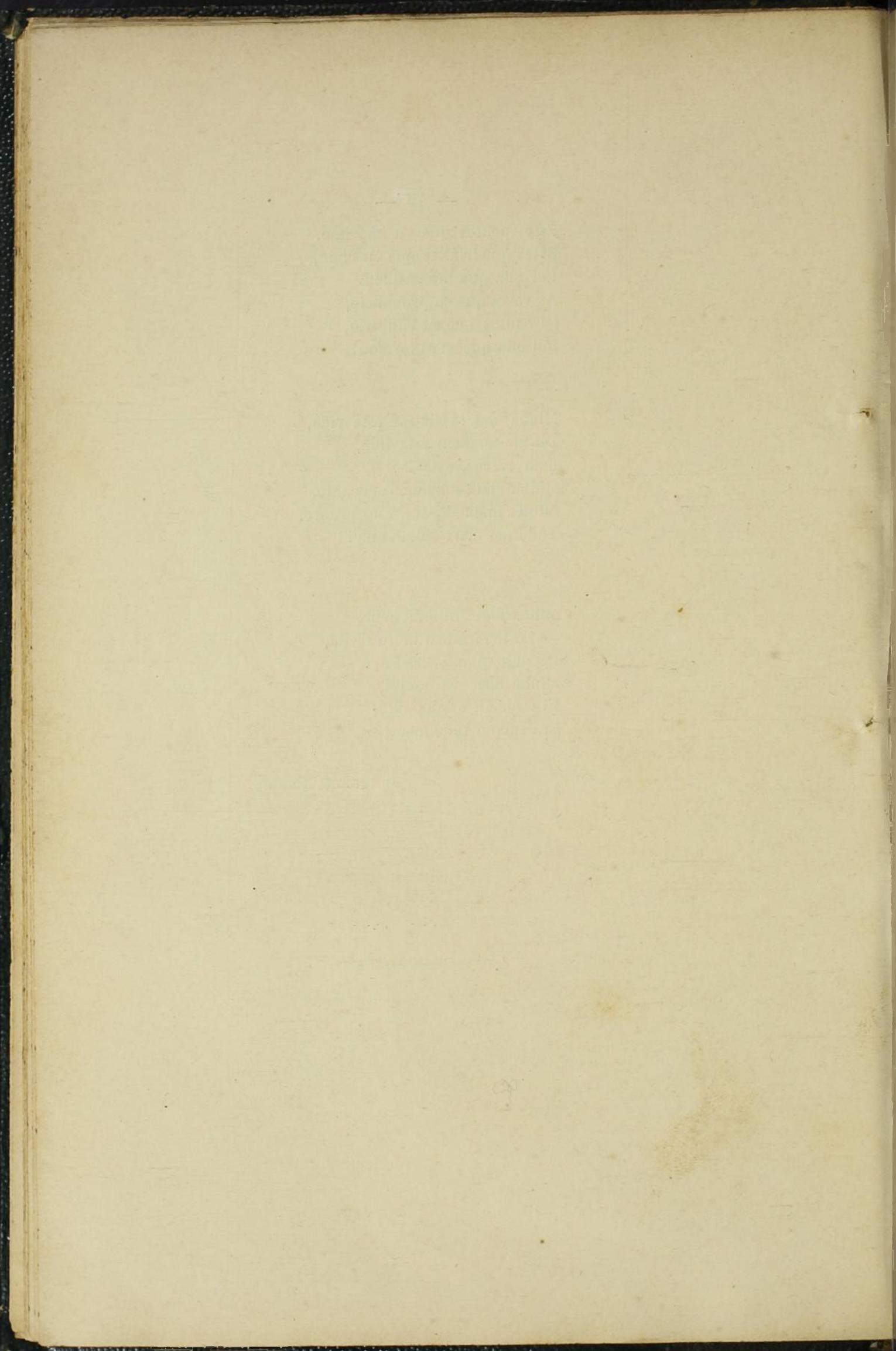
Estes pontos que eu imprimo,
Estas quadrinhas que eu rimo,
Foi ella que me ensinou.
As vozes que eu pronuncio,
Os cantos que eu balbucio,
Foi ella que m'os formou.

Minha mãe!—diz-me esta vida,
Diz-me tambem esta lida,
Este retroz, esta lã:
Minha mãe!—diz-me este canto,
Minha mãe! diz-me este pranto.
Tudo me diz:— Minha mãe! —

Minha mãe era mui bella,
— Eu me lembro tanto d'ella,
De tudo quanto era seu!
Minha mãe era bonita,
Era toda a minha dita,
Era tudo e tudo meu.

JUNQUEIRA FREIRE.





CANTICO DO CALVARIO

Eras na vida a pomba predilecta
Que sobre um mar de angustias conduzias
O ramo da esperança.—Eras a estrella
Que entre as nevoas do inverno scintillava
Apontando o caminho ao pegureiro.
Eras a messe de um dourado estio.
Eras o idylio de um amor sublime.
Eras a gloria,—a inspiração,—a patria,
O porvir de teu pai!—Ah! no entanto,
Pomba,—varou-te a flecha do destino!
Astro,—enguliu-te o temporal do norte!
Tecto, cahiste!—Crença, já não vives!

Correi, correi, oh! lagrimas saudosas,
Legado acerbo da ventura extincta,
Dubios archotes que a tremer claream
A lousa fria de um sonhar que é morto!
Correi! Um dia vos verei mais bellas
Que os diamantes de Ophir e de Golgonda
Fulgurar na corôa de martyrios
Que me circunda a fronte scismadora,

São mortos para mim da noite os fochos,
Mas Deus vos faz brilhar, lagrimas santas,
E á vossa luz caminharei nos ermos !
Estrellas do soffrer,—gottas de magoa,
Brando orvalho do céu —sêde bemditas !
Oh ! filho de minh'alma ! Ultima rosa
Que neste sólo ingrato vicejava !
Minha esperança amargamente doce !

Quando as garças vierem do occidente,
Buscando um novo clima onde pousarem,
Não mais te embalarei sobre os joelhos,
Nem de teus olhos no ceruleo brilho
Acharei um consolo aos meus tormentos !
Não mais invocarei a musa errante
Nesses retiros onde cada folha
Era um polido espelho de esmeralda
Que reflectia os fugitivos quadros
Dos suspirados tempos que se foram !
Não mais perdido em vaporosas scismas
Escutarei, ao pôr do sol, nas serras,
Vibrar a trompa sonora e Teda
Do caçador que aos lares se recolhe !

Não mais ! A arêa tem corrido, e o livro
De minha infanda historia está completo !
Pouco tenho de andar ! Um passo ainda,
E o fructo de meus dias, negro, podre,
Do galho eivado rolará por terra !
Ainda um threno, e o vendaval sem freio
Ao soprar quebrará a ultima fibra
Da lyra, infausta que nas mãos sustenho !
Tornei-me o écho das tristezas todas
Que entre os homens achei ! O lago escuro
Onde ao clarão dos fogos da tormenta
Miram-se as larvas funebres do estrago !
Por toda a parte em que arrastei meu manto
Deixei um traço fundo de agonias !...

Oh! quantas horas não gastei, sentado
Sobre as costas bravias do Oceano,
Esperando que a vida se esvabisse
Como um floco de espuma, ou como o friso
Que deixa n'água o lenho do barqueiro!
Quantos momentos de loucura e febre
Não consumi perdido nos desertos,
Escutando os rumores das florestas,
E procurando nessas vozes torvas
Distinguir o meu cantico de morte!
Quantas noites de angustias e delirios
Não velei, entre as sombras espreitando
A passagem veloz do genio horrendo
Que o mundo abate ao galopar infrene
Do selvagem corsel?... E tudo embalde!
A vida parecia ardente e douda
Agarrar-se a meu ser!... E tu, tão joven,
Tão puro ainda—ainda n'alvorada,
Ave banhada em mares de esperança,
Rosa em botão, chrysalida entre luzes,
Foste o escolhido na tremenda ceifa!

Ah! quando a vez primeira, em meus cabellos
Senti bater teu halito suave;
Quando em meus braços te cerrei, ouvindo
Pulsar-te o coração divino ainda;
Quando fitei teus olhos socegados,
Abysmos de innocencia e de candura,
E baixo e a medo murmurei: meu filho!
Meu filho! phrase immensa, inexplicavel,
Grata como o chorar de Magdalena
Aos pés do Redemptor... ah! pelas fibras
Senti rugir o vento incendiado
D'esse amor infinito que eternisa
O consorcio dos orbes que se enredam
Dos mysterios do ser na tã augusta!
Que prende o céu á terra e a terra aos anjos!
Que se expande em torrentes ineffaveis
Do seio immaculado de Maria!

Cegou-me tanta luz ! Errei, fui homem !
E de meu erro a punição cruenta
Na mesma gloria que elevou-me aos astros,
Chorando aos pés da cruz hoje padeço !

O som da orchestra, o retumbar dos bronzes,
A voz mentida de rafeiros bardos,
Torpe alegria que circunda os berços
Quando a opulencia doura-lhes as bordas,
Não te saudaram o sorrir primeiro,
Clicia mimosa rebentada á sombra !
Mas, ah ! si pompas, esplendor faltaram-te,
Tiveste mais que os principes da terra !
Templos, altares de afeição sem termos !
Mundos de sentimento e de magia !
Cantos dictados pelo proprio Deus !
Oh ! quantos reis que a humanidade aviltam,
E o genio esmágam dos soberbos thronos,
Trocariam a purpura romana
Por um verso, uma nota, um som apenas
Dos fecundos poemas que inspiraste !

Que bellos sonhos ! Que illusões bemditas
Do cantor infeliz lançaste á vida,
Arco-iris de amor ! luz da alliança,
Calma e fulgente, em meio da tormenta !
Do exilio escuro a cithara chorosa
Surgiu de novo, e ás virações errantes
Lançou diluvios de harmonia !—O gozo
Ao pranto succedeu. As ferreas horas
Em desejos alados se mudaram.
Noites fugiam, madrugada vinham,
Mas, sepultado num prazer profundo,
Não te deixava o berço descuidoso,
Nem do teu rosto o meu olhar tirava,
Nem de outros sonhos que dos teus vivia !

Como eras lindo ! Nas rosadas faces
Tinhas ainda o tepido vestigio
Dos beijos divinaes,—nos olhos langues
Brilhava brando o raio que accendêra
A benção do Senhor quando o deixaste!
Sobre o teu corpo a chusma dos anjinhos,
Filhos do ether e da luz, voavam,
Riam-se alegres, das caçoilas niveas
Celeste aroma te vertendo ao corpo!
E eu dizia comigo :—Teu destino
Será mais bello que o cantar das fadas
Que dansam no arrebol,—mais triumphante
Que o sol nascente derribando ao nada
Muralhas de negrume !... Irás tão alto
Como o passaro-rei do Novo Mundo !

Ai ! doudo sonho !... Uma estação passou-se,
E tantas glorias, tão risonhos planos
Desfizeram-se em pó ! O genio escuro
Abrazou com seu facho ensanguentado
Meus soberbos castellos. A desgraça
Sentou-se em meu solar, e a soberana
Dos sinistros imperios de além-mundos
Com seu dedo real sellou-te a frente !
Inda te vejo pelas noites minhas,
Em meus dias sem luz vejo-te ainda :
Creio-te vivo, e morto te pranteio !...

Ouço o tanger monotono dos sinos,
E cada vibração contar parece
As illusões que murcham-se comtigo !
Escuto em meio de confusas vozes,
Cheias de phrases pueris, estultas,
O linho mortuario que retalham
Para envolver teu corpo ! Vejo esparsas
Saudades e perpetuas,—sinto o aroma
Do incenso das igrejas,—ouço os cantos

Dos ministros de Deus, que me repetem
Que não és mais da terra!... E choro embalde.
Mas não ! Tu dormes no infinito seio
Do Creador dos seres ! Tu me fallas
Na voz dos ventos, no chorar das aves,
Talvez das ondas no respiro flebil !
Tu me contemplas lá do céu, quem sabe ?
No vulto solitario de uma estrella.
E são teus raios que meu estro aquecem !
Pois bem ! mostra-me as voltas do caminho !
Brilha e fulgura no azulado manto,
Mas não te arrojés, lagrima da noite,
Nas ondas nebulosas do occidente !
Brilha e fulgura ! Quando a morte fria
Sobre mim sacudir o pó das azas,
Escada de Jacob serão teus raios
Por onde asinha subirá minh'alma.

L. N. FAGUNDES VARELLA.

A ROÇA

O balanço da rêde, o bom fogo
Sob um tecto de humilde sapê ;
A palestra, os lundús, a viola,
O cigarro, a modinha, o café ;

Um robusto alazão, mais ligeiro
Do que o vento que vem do sertão ;
Negras crinas, olhar de tormenta,
Pés que apenas rastejam no chão ;

E depois um sorrir de roceira,
Meigos gestos, requebros de amor ;
Seios nús, braços nús, tranças soltas,
Molles fallas, idade de flor ;

Beijos dados sem medo ao ar livre,
Beijos francos, alegres serões,
Mil brinquedos no campo ao sol posto,
Ao surgir da manhã mil canções ;

Eis a vida das vastas planícies,
Ou nas noites da terra da Cruz,
Sobre um solo só flores de gloria,
Sob um céu só magia e só luz.

Bellos ermos, risonhos desertos,
Livres cervos, extensos marneis,
Onde muge o novilho afanado,
Onde nitrem fogosos corceis ;

Onde a infancia passei descuidoso,
Onde tantos idylios sonhei,
Onde ao som dos pandeiros ruidosos
Tantas dansas da roça dansei !

Onde a viva e gentil mocidade
Num continuo folgar consumi,
Como longe voltais ao passado !
Como longe vos vejo d'aqui !

Si eu tivesse por livro as florestas,
Si eu tivesse por mestre a amplidão,
Por amigos as plantas e as aves,
Uma flecha e um cocar por brazão ;

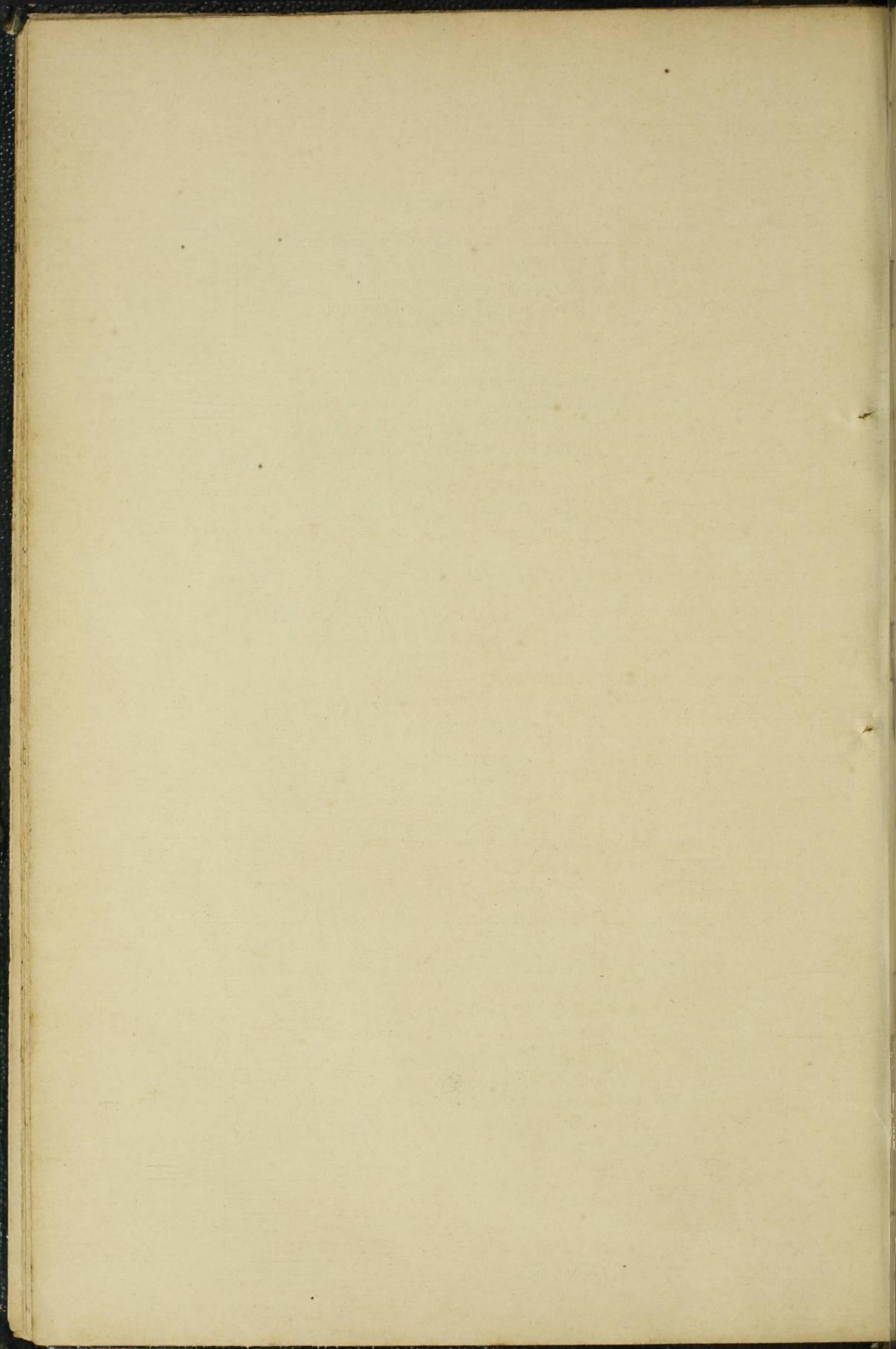
Não manchára minh'alma inspirada,
Não gastára meu proprio vigor,
Não cobrira de lama e de escarneos
Meus laureis de poeta e cantor !

Voto horror ás grandezas do mundo,
Triste acervo de magoas fataes ;
O clarão do saber verdadeiro
Não fulgura aos olhares mortaes !

Mas um genio impiedoso me arrasta,
Me arremessa do mundo ao vai-vem,
E eu soluço nas sombras olhando
Minhas serras queridas além.

FAGUNDES VARELLA.





A MINHA ESTRELLA

Como é formosa aquella viva estrella,
Que nestas horas—do horizonte esparge
Pelas sombras da noite encanto e vida!

Do diadema eterno

Nunca perola vi que assim brilhasse,
Nem que tão grata ao coração me fosse!
Por sua luz benefica attrahida,
Vaga minh'alma por ignotos mundos,
E da lyra da fé extrahe seus hymnos.

Porque me recordaes, tristes saudades,
As minhas mallogradas esperanças!?

Porque ha de a flor já secca,
Ou mesmo já perdida,—inda lembrar-nos
O seio que enfeitou de virgem bella,
O viço com que abriu, o doce aroma
Com que saudou primeiro a luz d'aurora?

Imagem do passado, em vão procuras
Compassiva embalar-me em ledos sonhos!
Vivi contente d'illusões; qu'importa?
As illusões, como illusões, fugiram;
Uma por uma, as minhas esperanças
Perderam-se tambem por entre as trevas
Do tempo que expirou.

Amei de mais... talvez ; julguei que houvesse
Coração —que meus ais acalentasse,
Lábios—em que sorvesse o mel da vida.
Amei de mais, amei ! julguei pequeno
O mundo inteiro p'ra conter o affecto
Inteiro de minh'alma !

Mas, oh ! como requinta
O melindroso brilho a minha estrella !
Como suave a brisa
D'aquelle verde bosque agita as folhas !
A natureza toda
Contempla namorada a linda estrella:
Contemple-a muito embora: a estrella é minha ;
Minha só, minha musa, a cujo seio
Versos que ella inspirou—lá vão co'a brisa.

Estrella, que assim fulguras
Nesse rasgado horizonte,
Illumina a escura fronte
Do mancebo trovador.

Sê-lhe amante neste mundo,
Desvelada, condoida,
Muda-lhe o inverno da vida
Em primavera de amor.

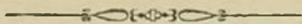
Transforma-lhe em frescas rosas,
Tu—que os ais tanto lhe afagas,
O sangue de fundas chagas,
Que n'alma abriu-lhe a traição ;

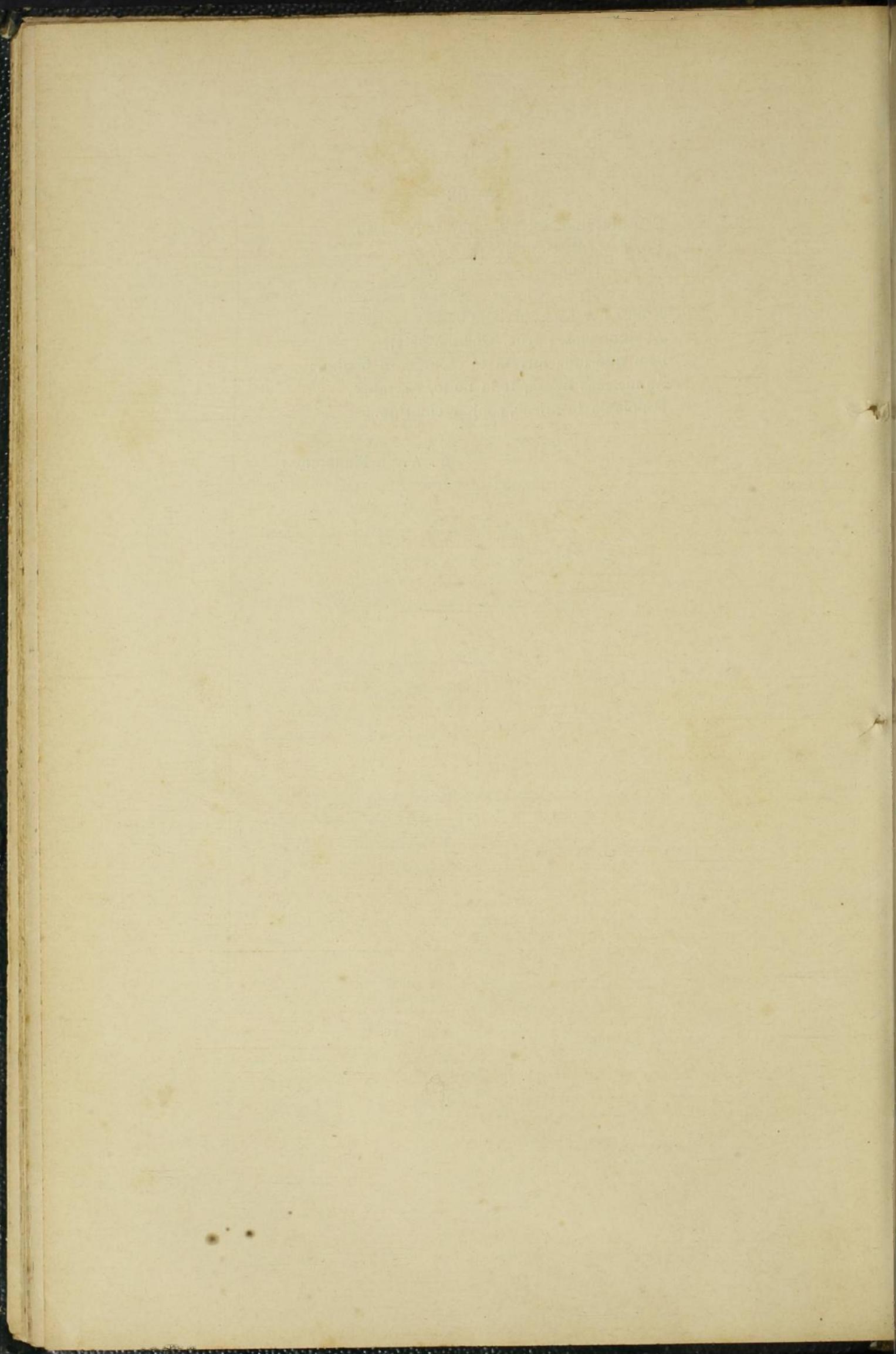
E das sacras esperanças
Que por ventura lá sentes,
Lança-lhe as magas sementes
No seio do coração.

Estrella, linda estrella! um teu sorriso
Por despedida ao trovador envia.

Nunca verão meus olhos
Com amoroso enlevo estranhos astros :
Nunca !... Amante fiel, dou-te os meus hymnos
Apaixonados, puros. Quero vêr-te,
Sem que uma nuvem te escureça o brilho,
Às mesmas horas, toda noite, e sempre,
Depois de te mirar, sonhar contigo.

A. A. DE MENDONÇA.





MÃI E FILHO

Respira tudo fragrancia
E um não sei que—de divino
Onde um berço pequenino
Guarda uma rosa da infancia.

Berço ou jard'm, que perfuma
De amor o tranquillo tecto,
Das flores do santo affecto
Não deixa murchar nenhuma!

Meu Deus! dizei-me qual seja
Mais feliz d'estes dous entes:
—Si o anjo dos innocentes,
—Si a mãe que o filhinho beija.

Dorme? A mãe lhe vela o somno;
Accorda? Em risos lhe falla:
E o anjo o berço lhe embala
Como um degrau de seu throno.

E' toda alegria e calma,
Toda um céu... amor, carinho!
Si aquelle berço é o ninho
D'avesinha de sua alma!

Cresce, e apenas balbucia
Mãi!... o echo aos ares vôa ;
E Deus do alto abençôa
Esta sagrada harmonia!

Falla? A mãi de extremos louca,
De Deus o nome lhe ensina ;
E a palavra, que é divina,
Sahe melhor da sua bocca!

Meu Deus! dizei-me qual seja
Mais feliz d'estes dous entes :
—Si o anjo dos innocentes,
—Si a mãi que o filhinho beija?

Ri-se? A mãi abre o sacrario
Dos risos só proprios d'ella ;
Chora? Lembrai-vos *d'aquella*
Que chorou sobre o Calvario!

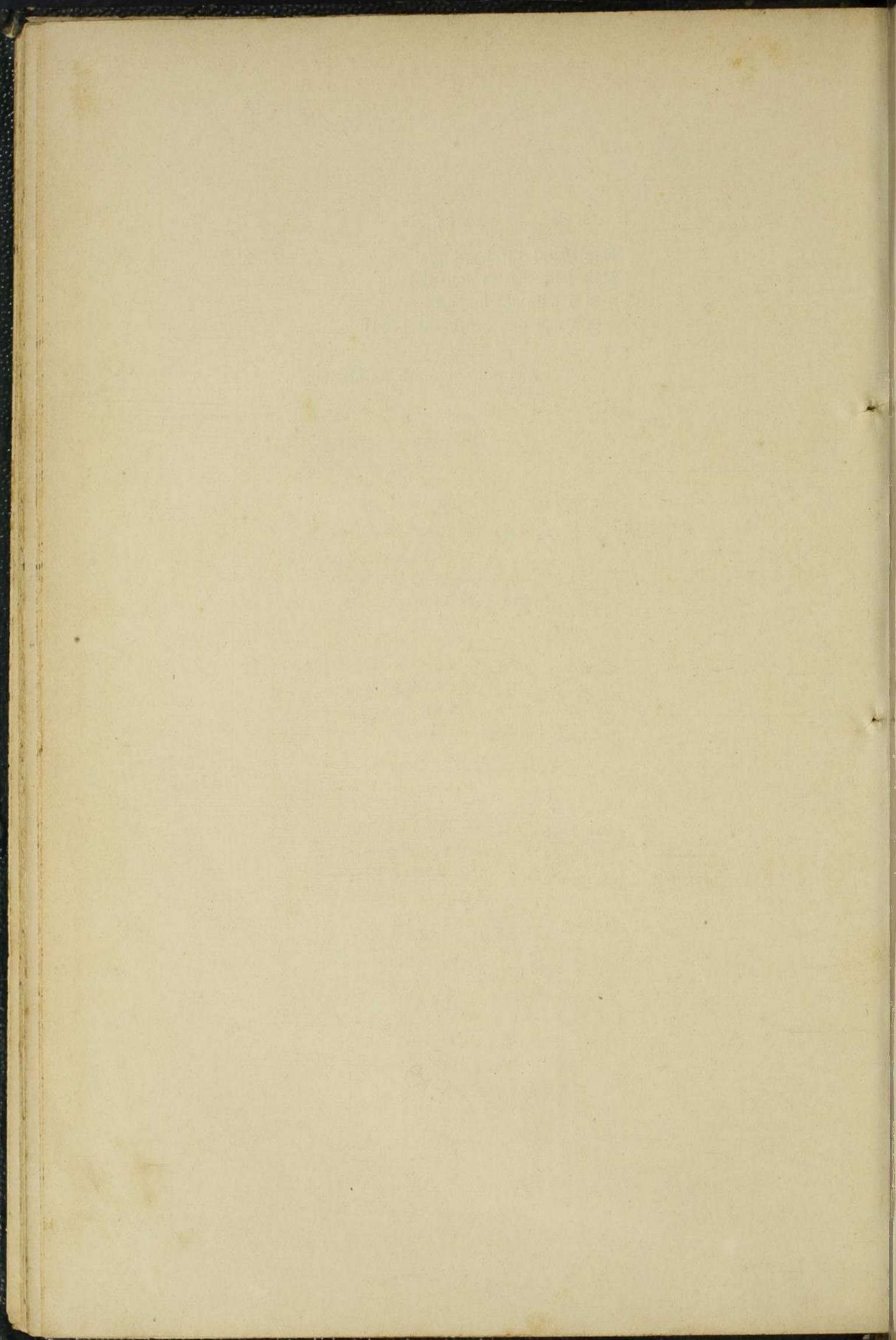
Feliz, feliz—quem na vida
Sente de novo a fragrancia
Da sua perdida infancia
N'um filho reproduzida!

A mãi lhe acompanha o rasto,
E é—no lar venturoso—
O satellite formoso
D'aquelle formoso astro!

Filho e mãi! A natureza
No mesmo abraço os resume ;
Duas almas num perfume,
Num só raio de belleza!

Meu Deus! dizei-me qual seja
Mais feliz d'estes dous entes:
—Si o anjo dos innocentes,
—Si a mãe que o filhinho beija!

ANTONIO AUGUSTO DE MENDONÇA.



VOZES D'AFRICA

Deus! Ó Deus, onde estás que não respondes?
Em que mundo, em que estrella tu te escondes
 Embuçado nos céus?
Ha dous mil annos te mandei meu grito,
Que embalde desde então corre o infinito...
 Onde estás, Senhor Deus?...

Qual Prometheu, tu me amarraste um dia
Do deserto na rubra penedia,
 Infinito galé!...
Por abutre—me déste o sol ardente,
E a terra de Suez—foi a corrente
 Que me ligaste ao pé...

O cavallo estafado do Beduino
Sob a vergasta tomba resupino,
 E morre no areal.
Minha garupa sangra, a dôr poreja
Quando o chicote do *simun* dardeja
 O teu braço eternal.

Minhas irmãs são bellas, são ditosas...
Dorme a Asia nas sombras voluptuosas
 Dos *harens* do Sultão,
Ou no dorso dos brancos elephantes
Embala-se coberta de brilhantes
 Nas plagas do Indostão.

Por tenda — tem os cimos do Hymalaya...
O Ganges amoroso beija a praia
 Coberta de coraes...
A brisa de Mysore o céu inflamma ;
E ella dorme nos templos do Deus Brahma,
 Pagodes colossaes...

Europa é sempre Europa, a gloriosa !...
A mulher deslumbrante e caprichosa,
 Rainha e cortezan.
Artista—córta o marmor' de Carrára ;
Poetisa—tanje os hymnos de Ferrara
 No glorioso afan !...

Sempre o laurel lhe cabe no litigio...
Ora uma *c'róa*, ora o *barrete-phrygio*
 Enflora-lhe a cerviz.
O universo após ella—doudo amante—
Segue captivo o passo delirante
 Da grande meretriz.

.....

Mas eu, Senhor ! ... Eu, triste abandonada
Em meio das arêas esgarrada,
 Perdida marcho em vão !
Si choro... bebe o pranto a arêa ardente ;
Talvez... p'ra que meu pranto, ó Deus clemente,
 Não descubras no chão !

E nem tenho uma sombra de floresta
Para cobrir-me, nem um templo resta
No solo abraçador...
Quando subo ás Pyramides do Egypto
Embalde aos quatro céus chorando grito :
« Abriga-me, Senhor !... »

Como o propheta em cinza a fronte envolve,
Vélo a cabeça no areal que volve
O sirôco feroz...
Quando eu passo no Sáhara amortalhada...
Ai ! dizem : « Lá vai a Africa embuçada
No seu branco albornoz... »

Nem vêem que o deserto é meu sudario,
Que o silencio campeia solitario
Por sobre o peito meu.
Lá no solo onde o cardo apenas medra,
Boceja o Sphinge colossal de pedra
Fitando o morno céu.

De Thebas nas columnas derrocadas
As cegonhas espiam debruçadas
O horizonte sem fim...
Onde branqueja a caravana errante,
E o camello monotonico, arquejante,
Que desce do Ephraim...

Não basta inda de dôr, ó Deus terrivel?!...
E' pois teu peito eterno, inexaurivel
De vingança e rancor?...
E o que é que fiz, Senhor?! que torvo crime
Eu commetti jámais, que assim me opprime
Teu gladio vingador!...

Foi depois do *diluvio*... Um viajante
Negro, sombrio, pallido, arquejante,
Descia do Ararat...

E eu disse ao peregrino fulminado :
« Chan, serás meu esposo bem amado...
Serei tua Eloá !... »

Desde esse dia, o vento da desgraça,
Por meus cabellos ululando, passa
O anathema cruel ;
As *tribus* erram do areal nas vagas,
E o *Nomada* faminto corta as plagas
No rapido corcel.

Vi a sciencia desertar do Egypto...
Vi meu povo seguir — Judeu maldito —
Trilho de perdição...
Depois vi minha prole desgraçada,
Pelas garras d'Europa—arreatada,
Amestrado falcão !...

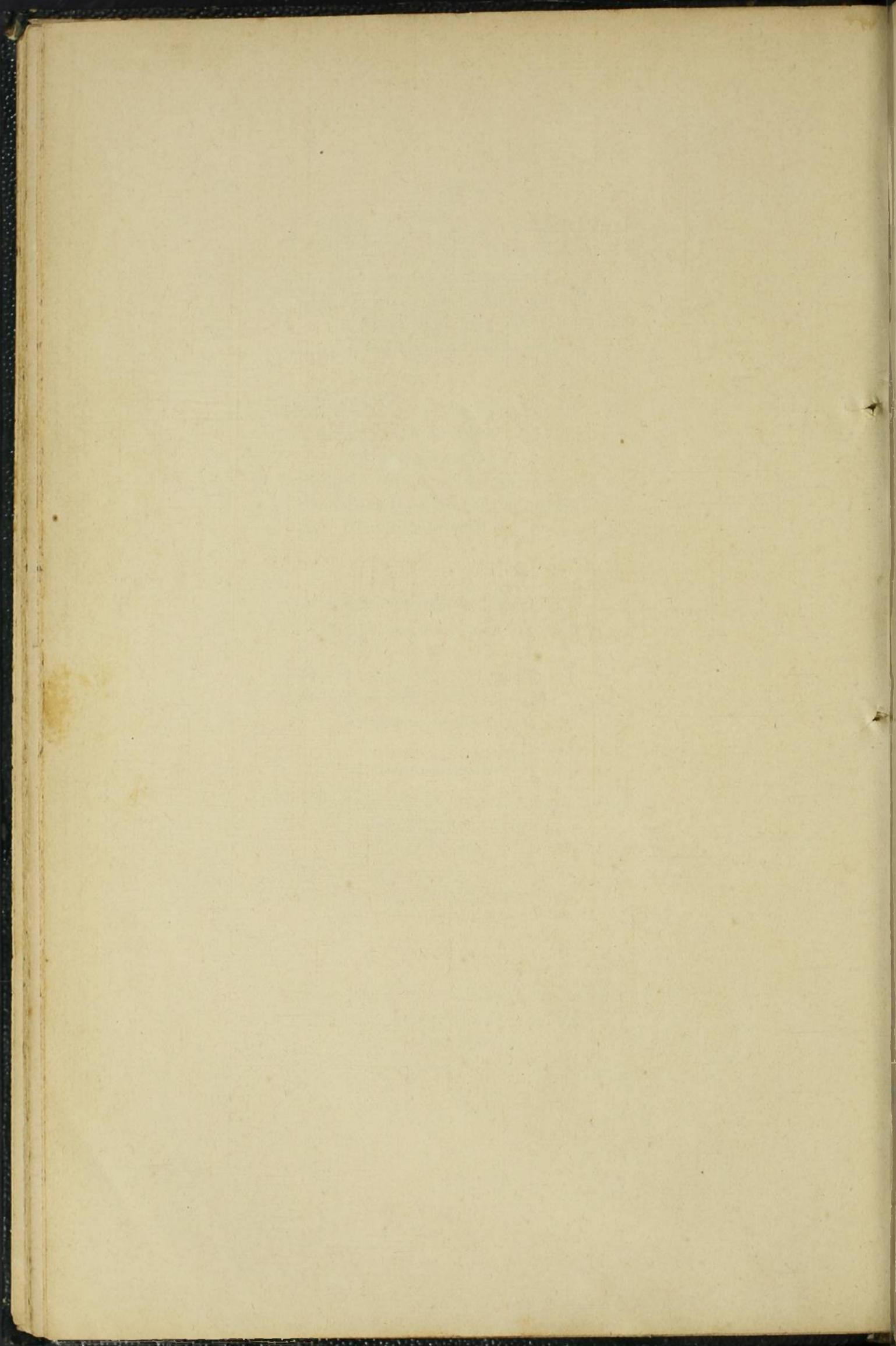
Christo ! embalde morreste sobre um monte...
Teu sangue não lavou de minha fronte
A mancha original ;
Ainda hoje são, por fado adverso,
Meus filhos — alimaria do Universo...
Eu — pasto universal...

Hoje em meu sangue a America se nutre
—Condor que transformara-se em abutre,
Ave da escravidão.
Ella juntou-se ás mais... irmã traidora !
Qual de José os vis irmãos outr'ora
Venderam seu irmão.

Basta, Senhor ! De teu potente braço
Role através dos astros e do espaço
 Perdão p'ra os crimes meus !
Ha dous mil annos... eu soluço um grito...
Escuta o brado meu lá no infinito...
 Meu Deus! Senhor, meu Deus!!!...

CASTRO ALVES.





NAVIO NEGREIRO

(TRAGEDIA NO MAR)

'Stamos em pleno mar!... Doudo no espaço
Brinca o luar —dourada borboleta;
E as vagas após elle correm... cansam
Como turba de infantes inquieta!

'Stamos em pleno mar... Do firmamento
Os astros saltam como espumas d'ouro...
O mar em troca accende as ardentias,
—Constellações do liquido thesouro!...

'Stamos em pleno mar!... Dous infinitos
Alli se estreitam num abraço insano...
Azues, dourados, placidos, sublimes!...
Qual dos dous é o céu?... Qual o Oceano?

'Stamos em pleno mar... abrindo as velas
Ao quente arfar das virações marinhas,
Veleiro brigue corre á flor dos mares,
Como roçam na vaga as andorinhas!

D'onde vem? onde vai? Das naus errantes
Quem sabe o rumo, si é tão grande o espaço!
Neste sahara os corceis o pó levantam,
Galopam, voam, mas não deixam traço!...

Bem feliz quem alli póde nest'hora
Sentir d'este painel a magestade!...
Em baixo o mar... em cima o firmamento...
E no mar e no céu —a immensidade!

Oh! que doce harmonia traz-me a brisa!
Que musica suave ao longe sôa!
Meu Deus! como é sublime um canto ardente
Pelas vagas sem fim boiando á toa.

Homens do mar! O' rudes marinheiros,
Tostados pelo sol dos quatro mundos!
Crianças que a procella acalentára
No berço d'estes pelagos profundos!

Esperai! Esperai!... Deixai que eu beba
Esta selvagem, livre poesia;
Orchestra—é o mar que ruge pela prôa,
E o vento que nas cordas assobia!...

Porque foges assim, barco ligeiro?
Porque foges do pavido poeta?
Oh! quem me dera acompanhar-te a esteira
Que semellas no mar—doudo cometa!

Albatroz ! Albatroz ! aguia do oceano,
Tu, que dormes das nuvens entre as gazas,
Sacode as pennas, Leviathan do espaço !...
Albatroz ! Albatroz ! dá-me estas azas !...

II

Desce do espaço immenso, ó aguia do oceano !
Desce mais... ainda mais... não póde olhar humano
Como o teu, mergulhar no brigue voador !...
Mas que vejo eu ahí?!... que quadro d'amarguras !
Que funereo cantar !... que tetricas figuras !...
Que scena infame e vil, meu Deus ! meu Deus, que horror !

III

Éra um sonho dantesco !... o tombadilho
Que das luzernas avermelha o brilho,
 Em sangue a se banhar !...
Tinir de ferros, estalar de açoute...
Legiões de homens negros como a noite
 Horrendos a dansar...

Negras mulheres, suspendendo ás tétas
Magras crianças, cujas boccas pretas
 Rega o sangue das mãis :
Outras, moças, mas nuas e espantadas
No turbilhão de espectros arrastadas
 Em ancia e magoa vãs !

É ri-se a orchestra ironica e estridente...
E da ronda fantastica a serpente
 Faz doudas espiraes...
Si o velho arqueja... si no chão resvala,
Ouvem-se gritos, o chicote estala...
 E vôam mais e mais !...

Preza nos élos de uma só cadeia,
A multidão faminta cambaleia
E chora e dança alli !
Um de raiva delira, outro enlouquece,
Outro que de martyrios embrutece
Cantando, geme e ri !...

No entanto, o capitão manda a manobra,
E após, fitando o céu que se desdobra
Tão puro sobre o mar,
Diz do fumo entre os densos nevoeiros :
« Vibrai rijo o chicote, marinheiros !
Fazei-os mais dansar !... »

E ri-se a orchestra, ironica e estridente !
E da ronda fantastica a serpente
Faz doudas espiraes
Qual num sonho dantesco as sombras voam !...
Gritos, ais, maldições, preces resoam !...
E ri-se Satanaz !

IV

Senhor Deus dos desgraçados !
Dizei-me vós, Senhor Deus,
Si é mentira... si é verdade
Tanto horror perante os céus ?!
O' mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão ?
Astros ! noites ! tempestades !
Rolai das immensidades !
Varrei os mares, tufão !...

Que importa do nauta o berço ;
D'onde é filho, qual seu lar ?
Ama a cadencia do verso
Que lhe ensina o velho mar !
Cantai ? que a morte é divina !
Resvala o brigue á bolina
Como golphinho veloz.
Preza ao mastro da mezena,
Saudosa bandeira acena
A's vagas que deixa após!...

Do hespanhol as cantilenas,
Requebradas de langôr,
Lembram as moças morenas,
As andaluzas em flor !
Da Italia o filho indolente
Canta Veneza dormente,
— Terra de amor e traição,
Ou do golpho no regaço
Relembra os versos de Tasso
Junto ás lavas do vulcão !

O Inglez,—marinheiro frio
Que ao nascer no mar se achou
(Porque a Inglaterra é um navio,
Que Deus na Mancha ancorou),
Rijo entôa patrias glorias,
Lembrando orgulhoso historias
De Nelson e de Aboukir...
O Francez—predestinado
Canta os louros do passado
E os loureiros do porvir!...

Os marinheiros hellenos
Que a vaga Ionia creou,
Bellos piratas morenos
Do mar que Ulysses cortou;
Homens que Phydias tallára,
Vão cantando em noite clara
Versos que Homero gemeu!...
Nautas de todas as plagas,
Vós sabeis achar nas vagas
As melodias do céu!...

Quem são esses desgraçados
Que não encontram em vós
Mais que o rir calmo da turba,
Que excita a furia do algoz!
Quem são? Si a estrella se cala,
Si a vaga oppressa resvala
Como um cumplice fugaz,
Perante a noite confusa...
Dize-o tu, severa Musa,
Musa liberrima—audaz!...

São os filhos do deserto,
Onde a terra esposa a luz,
Onde vive em campo aberto
A tribu dos homens nús;
São os guerreiros ousados
Que com os tigres mosqueados
Combatem na solidão!...
Hontem simples, fortes, bravos...
Hoje miseros escravos,
Sem ar, sem luz, sem razão!...

São mulheres desgraçadas.
Como Agar o foi também.
Que sedentas, alquebradas,
De longe... bem longe vêm!
Trazendo com tibios passos
Filhos e algemas nos braços
N'alma—lagrimas e fel!...
Como Agar, soffrendo tanto
Que nem o leite do pranto
Tem que dar para Ismael!

Lá nas areias infindas,
Dos palmeirae no paiz,
Nasceram—crianças lindas,
Viveram—moças gentis!...
Passa um dia a caravana,
Quando a virgem na cabana
Scisma da noite nos véus!
Adeus, ó choça do monte!
Adeus, palmeiras da fonte!
Adeus, amores!... adeus

Depois o areal extenso!
Depois o oceano de pó!
Depois—no horizonte immenso
Desertos... desertos só!
E a fome, o cansaço, a sède,
Ai! quanto infeliz que céde!
E cahe pr'a não mais s'erguer!...
Vaga um logar na cadeia,
Mais o chacal sobre a arèa
Acha um corpo que roer!

Hontem a Serra Leôa,
A guerra, a caça ao leão,
O somno dormido á tóa
Sob as tendas da amplidão!
Hoje... o porão negro, fundo,
Infecto, apertado, immundo,
Tendo a peste por jaguar...
E o somno sempre cortado
Pelo arranco de um finado,
E o baque de um corpo ao mar!...

Hontem plena liberdade,
A vontade por poder!
Hoje... cum'lo de maldade!
Nem são livres pr'a morrer!
Prende-os a mesma corrente
Ferrea, lugubre serpente,
Nas roscas da escravidão,
E assim zombando da morte
Dansa a lugubre cohorte
Ao som do açoute!... Irrisão!...

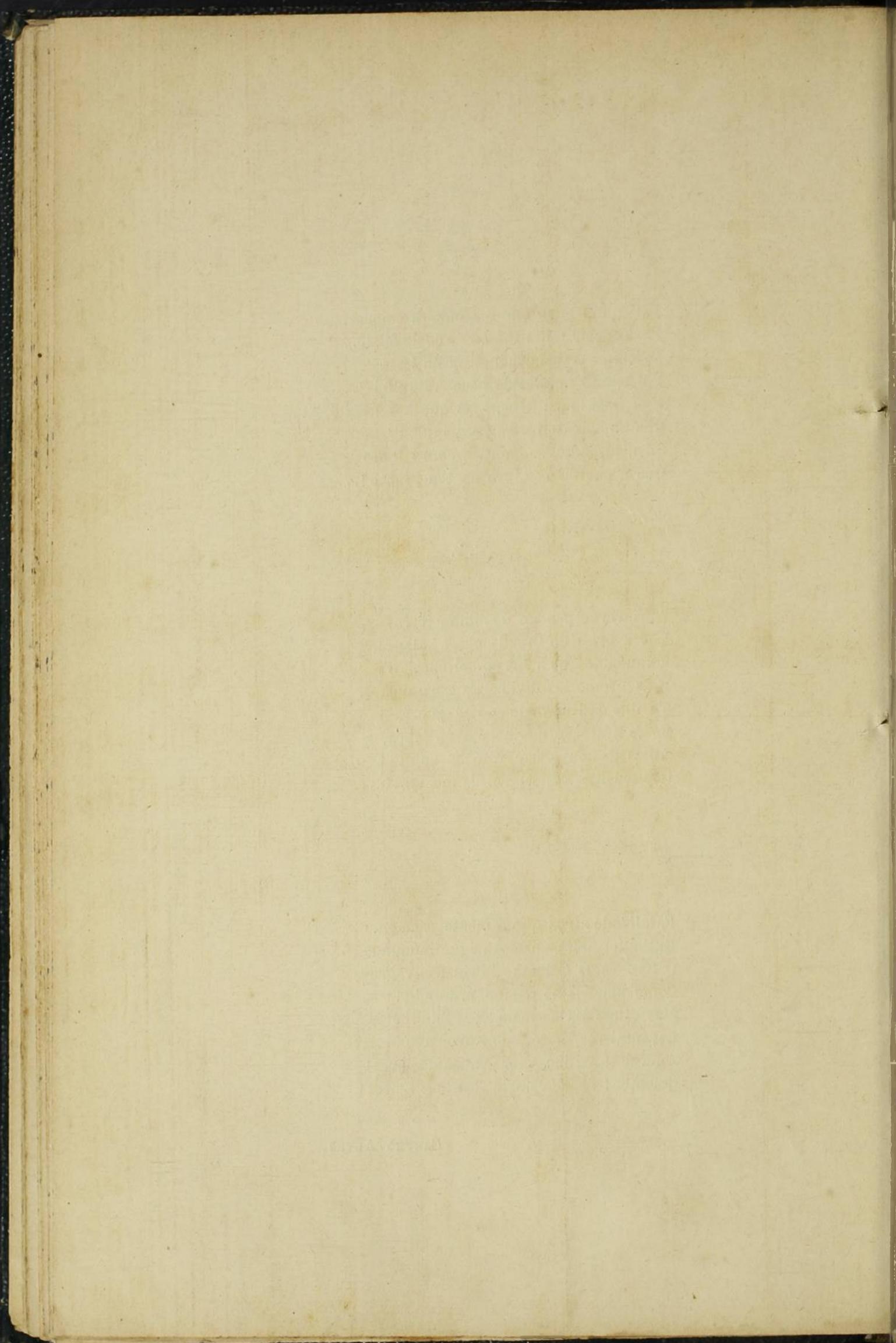
Senhor Deus dos desgraçados!
Dizei-me, vós, senhor Deus!
Si é mentira... si é verdade
Tanto horror perante os céus?!
O' mar, porque não apagas
Co'a esponja de tuas vagas
De teu manto este borrão?
Astros! noites! tempestades!
Rolai das immensidades!
Varrei os mares, tufão!...

Existe um povo que a bandeira empresta
Para cobrir tanta infamia e covardia !...
E deixa-a transformar-se nesta festa
Em manto impuro de bacchante e fria !...
Meu Deus ! meu Deus, mas que bandeira é esta,
Que impudente na gavea tripudia ?
Silencio, Musa... chora e chora tanto
Que o pavilhão se lave no teu pranto !...

Auri-verde pendão de minha terra,
Que a brisa do Brazil beija e balança,
Estandarte que a luz do sol encerra
E as promessas divinas da esperança...
Tu que da liberdade após a guerra
Foste hasteado dos heróes na lança,
Antes te houvessem rôto na batalha
Que servires a um povo de mortalha !...

Fatalidade atroz que a mente esmaga,
Extingue nesta hora o brigue immundo
O trilho que Colombo abriu nas vagas
Como um iris no pélagos profundo !
Mas é infamia de mais !... Da etherea plaga
Levantai-vos, heroes do Novo-Mundo !...
Andrada ! arranca esse pendão dos ares !
Colombo ! fecha a porta dos teus mares !

CASTRO ALVES.



HEBRÉA

Pomba d'esp'rança sobre um mar d'escolhos!
Lyrio do valle oriental, brilhante!
Estrella vesper do pastor errante!
Ramo de murta a rescender cheirosa!...

Tu és, ó filha de Israel formosa...
Tu és, ó linda, seductora Hebréa...
Pallida rosa da infeliz Judéa,
Sem ter orvalho, que do céu deriva!

Porque descoras, quando a tarde esquiva
Mira-se triste sobre o azul das vagas?
Serão saudades das infindas plagas,
Onde a oliveira no Jordão se inclina?

Sonhas acaso, quando o sol declina,
A terra santa do oriente immenso?
E as caravanas no deserto extenso?
E os pegureiros da palmeira á sombra?!...

Sim, fôra bello na relvosa alfombra,
Junto da fonte, onde Rachel gemêra,
Viver contigo qual Jacob vivêra
Guiando escravo teu feliz rebanho...

Depois nas aguas de cheiroso banho
— Como Suzana a estremecer de frio —
Fitar-te, ó flor do Babylonio rio,
Fitar-te a medo no salgueiro occulto...

Vem, pois!... Contigo no deserto inculto,
Fugindo ás iras de Saul embora,
David eu fôra—si Michol tu fôras,
Vibrando na harpa do propheta o canto...

Não vês?... Do seio me gotteja o pranto
Qual da torrente do Cedron deserto!...
Como luctára o patriarcha incerto,
Luctei, meu anjo, mas cahi vencido.

Eu sou o Lothus para o chão pendido.
Vem ser o orvalho oriental, brilhante!
Ai! guia o passo ao viajor perdido.
Estrella vesper do pastor errante!...

CASTRO ALVES.

SUB TEGMINE FAGI

Amigo! O campo é o ninho do poeta...
Deus falla, quando a turba está quieta,
As campinas em flor.
Noivo—Elle espera que os convivas saiam...
E n'alcova, onde as lampadas desmaiam,
Então murmura—amor.—

Vem comigo scismar risonho e grave...
A poesia é uma luz... e a alma—uma ave...
Querem—trevas e ar.
A andorinha, que é a alma—pede o campo,
A poesia quer sombra—é o pyrilampo...
P'ra voar... p'ra brilhar.

Meu Deus! quanta belleza nessas trilhas!!!
Que perfume nas doces maravilhas
Onde o vento gemeu!
Que flores d'ouro pelas veigas bellas!
Foi um anjo co'a mão cheia de estrellas
Que na terra as perdeu.

Aqui o ether puro se adelgaça...
Não sobe esta blasphemia de fumaça
Das cidades p'ra o céu.
E a terra é como o insecto friorento
Dentro da flor azul do firmamento,
Cujo calix pendeu!

Qual no fluxo e refluxo o mar em vagas
Leva a concha dourada e traz das plagas
Coraes em turbilhão,
A mente leva a prece a Deus—por perolas,
E traz, volvendo após das praias cerulas,
Um brilhante—o perdão!

A alma fica melhor no descampado...
O pensamento indomito, arrojado
Galopa no sertão,
Qual nas esteppes o corcel fogoso
Relincha e parte turbulento, estoso,
Sôlta a crina ao tufão.

Vem! nós iremos na floresta densa,
Onde na arcada gothica e suspensa
Reza o vento feral.
Enorme sombra cahe da enorme rama...
E' o *Pagode* phantastico de Brahma
Ou velha cathedral.

Irei contigo pelos ermos—lento
Scismando, ao pôr do sol, num pensamento
Do nosso velho Hugo.
Mestre do mundo! Sol da eternidade!
Para ter por planeta a humanidade,
Deus num *cerro* o *fixou*.

Ao longe, na quebra da collina,
Enlaça a trepadeira purpurina
O negro mangueiral...
Como no *Dante* a pallida *Francesca*
Mostra o sorriso rubro e a face fresca
Na estrophe sepulchral.

O povo das formosas amaryllis
Embala-se nas balsas como as Willis
Que o *Norte* imaginou.
O antro--falla... o ninho s'estremece...
A dryade entre as folhas apparece...
Pan—na flauta soprou!

Mundo estranho e bizarro da chimera,
A phantasia desvairada gera
Um paganismo aqui.
Melhor eu comprehendo então Virgilio,
E vendo os Faunos lhe dansar no idyllio,
Murmuro crente:—Eu vi!

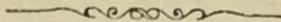
Quando penetro na floresta triste,
Qual pela ogiva gothica o anthiste
Que procura o Senhor,
Como bebem as aves peregrinas
Nas amphoras de orvalho das boninas,
Eu bebo crença e amor.

E á tarde, quando o sol—condor sangrento—
No occidente se áninha somnolento
Como a abelha na flor,
E a luz da estrella tremula se irmana
Co'a fogueira nocturna da cabana
Que accendêra o pastor,

A lua—traz um raio para os mares,
A abelha—traz o mel... um threno aos lares
Traz a rola a carpir...
Tambem deixa o poeta a selva escura
E traz alguma estrophe, que fulgura,
P'ra legar ao porvir!

Vem! do mundo leremos o problema
No ancião que é um livro, no infante que é um poema,
A mulher, que é uma luz...
Não vês? Do céu a cupola azulada,
Como uma taça sobre nós voltada,
Lança a poesia a flux!...

CASTRO ALVES.



O LAÇO DE FITA

Não sabes, criança, estou louco de amores...
Prendi meus affectos, formosa Pepita !
Mas onde ? No templo, nas nuvens, no espaço
Não rias, prendi-me

Num laço de fita.

Na selva sombria de tuas madeixas.
Nos negros cabellos da moça bonita,
Fingindo a serpente que enlaça a folhagem,
Formoso enroscava-se

O laço de fita.

Meu ser, que voava nas luzes da festa,
Qual passaro bravo que as azas agita,
Eu vi de repente captivo submisso
Rolar prisioneiro

Num laço de fita.

E agora enleada na tenue cadeia,
Debalde minh'alma se embate, se irrita...
O braço que rompe cadeias de ferro
Não quebra teus élos,

Oh laço de fita!...

Meu Deus! As phalenas têm azas de opala,
Os astros se libram na plaga infinita,
Os anjos repousam nas palmas brilhantes,
Mas tu... tens por azas

Um laço de fita.

Ha pouco voavas na célere walsa,
Na walsa que anceia. que estúa e palpita...
Porque é que tremeste? Não foram meus labios...
Beijava-te apenas...

Teu laço de fita.

Mas, ai! findo o baile, despindo os adornos
N'alcova onde a vela ciosa... crepita,
Talvez da cadeia libertes as tranças...
Mas eu... não preso

No laço de fita.

Pois bem! Quando um dia na sombra do valle
Abrirem-me a cova... formosa Pepita!
Ao menos arranca meus loiros da fronte
E dá-me por crã...

Teu laço de fita!

CASTRO ALVES.

A' LUA

ESTANCIAS

Per amica silentia lunæ.

I

Tu vens, perdida por sombras
Que desbotaram-te a côr,
Anjo das mudas ruínas
Em que não brota uma flor,
Ler-me a pagina mais triste
Do livro do meu amor!

Debalde te ergues tão cedo
Das sombras em que dormias!
Não podes, louca! não podes
Dar calor a cinzas frias!
Vai sonhar onde te entendam;
Vai sorrir a quem sorrias!

Quantas vezes não banhei-me
No teu humido clarão,
Nesse languido silencio
Das noites na solidão!
Eram lagrimas bemditas
As que bebias então.

Mas hoje, que é finda a crença,
Meu amor passou também!
Os teus sorrisos agora
Só dôres fadar-me vêm,
Que o teu condão feiticeiro
Só dá ventura aos que a têm.

II

Astro do amor, da dôr e do silencio,
Tu que aviventas emoções extinctas,
Foco de luz em derredor de trevas,
Dá-me, eu te rogo, inspirações que sintas!

Irmã do sol, perdida ao pé das noites,
Eterna forasteira, em pós de quem?
Quaes são teus sonhos? que procuras, louca?
Abre-me o seio! Eu amo-te também.

Sigo teus passos toda a vez que passas,
Pallida sempre, fugidia e triste.
De que tumulto vens? Quem é teu guia?
Quem te ensinou a rir como te riste?

Quando sacodes sobre a noite as azas,
Lagrimas cahem, garça que não torna —
Como o sereno que a descuido a aurora
Por sobre as flores — toda riso — entorna!

Tu passas nua, escabellada e muda,
Levada em braços de milhões de anjinhos,
E vais, quem sabe? te-banhar nos lagos
Em que lavam-se o sol e os passarinhos.

Eu te vejo passar, tão perto ás vezes!
No meu deserto, fugitiva embora!
Tu és o cysne que em meus cantos canta;
Tu és a amante que em meus prantos chora!

Quando vagueas pelo só das noites,
De tanta luz inundas o caminho,
Que o triste sabiá que espera o dia,
Por pensar que és o sol — salta do ninho!...

A terra escalda! as arvores não tremem!
Onde vais, Marion? Douda, que esperas?
Garça que imigras, cysne que procuras
Por céus d'inverno eternas primaveras!

Um dia anoiteci orphão de amores,
Poleá da existencia em solo agreste,
E voltei para ti meu pensamento,
E o consolo das lagrimas me déste!

Eu te bendigo em nome dos afflictos !
Quando limpei as lagrimas—tranquillo
Pensei no céu e adormeci contigo,
Pallida irmã das virgens de Murillo.

III

Fonte de encantos novos, tu me trocas
As lagrimas em gozo !
Eterna Marion, tens novo amante
Em cada desditoso.

Sopro de morte esvoaçou-me em torno !
Como tu, vivo só !
Não és tu, Marion, quem me dê vida,
Nem me tire do pó !

Porque trazes, irmã dos pyrilampos,
Teu seio sempre nu ? !
Vives, como eu, de azul e poesia !
A poesia és tu !...

Tu tens na face a lividez sombria
Das íntimas tristezas,
Que te invejam as flores doentias
Que crescem nas devezas !

IV

Tu sabes segredos que as flores murmuram;
Tão longe da terra conversas com Deus!
Pois conta-me, virgem, teus castos amores,
Que eu conto-te os meus.

V

Tu vagas sem tino, sultana das noites,
Princeza do reino sem termo do mar!
E cada conchinha que róla na arêa
Te rouba um carinho, te furta um olhar.

Nas praias desertas que marcam teu reino
Te sentas chorando, formosa princeza!
E a cada florinha que topas nos ermos
Emprestas um raio de tua tristeza.

E em cada ruína que encontras na estrada
Descansas um pouco, cansada de andar:
Que mão te encaminha? que praga, que sina
Suspende-te á noite por cima do mar?

E deixas as tranças do negro cabelo
Por cima dos hombros beijarem-te os pés!
Porque não encobres com ellas teus seios
Largados aos ventos? Princeza não és?

Tu sabes segredos das ondas que dormem :
Por cima dos mares conversas com Deus !
Ai ! conta-me, virgem, teus longos amores,
Que eu conto-te os meus.

Onde és mais formosa? Nos ermos do Norte,
Nas vagas crestadas do sol do Equador,
Nas quentes arêas, nas raras immoveis
Que as brisas não beijam famintas de amor?

Nos campos immensos de eterna verdura
Que o sul acordando festeja primeiro?
Nas vastas macegas que aninham serpentes,
Que acordam raivosas á voz do pampeir ?

Ou nestas campinas toucadas de relva,
Que os mares não beijam nem viram talvez ?
Oh ! virgem das noites, amiga dos campos,
Nas sombras que afastas, que topas, que vês ?

Tu sabes segredos que os mortos te contam :
Por cima das campas conversas com Deus !
Pois conta-me, virgem, teus tristes segredos,
Que eu conto-te os meus.

O dedo que um dia lançou-te no espaço
Como hontem, como hoje, sombria no rosto,
Lançou-me nos ermos d'um valle formoso,
Na mais merenchoria das noites de agosto.

Quando era criança—nas longas noitadas—
Contam-me as outras—durante o serão,
Que as manchas que eu via-te ás faces nevadas
Era Eva dormindo nos braços de Adão.

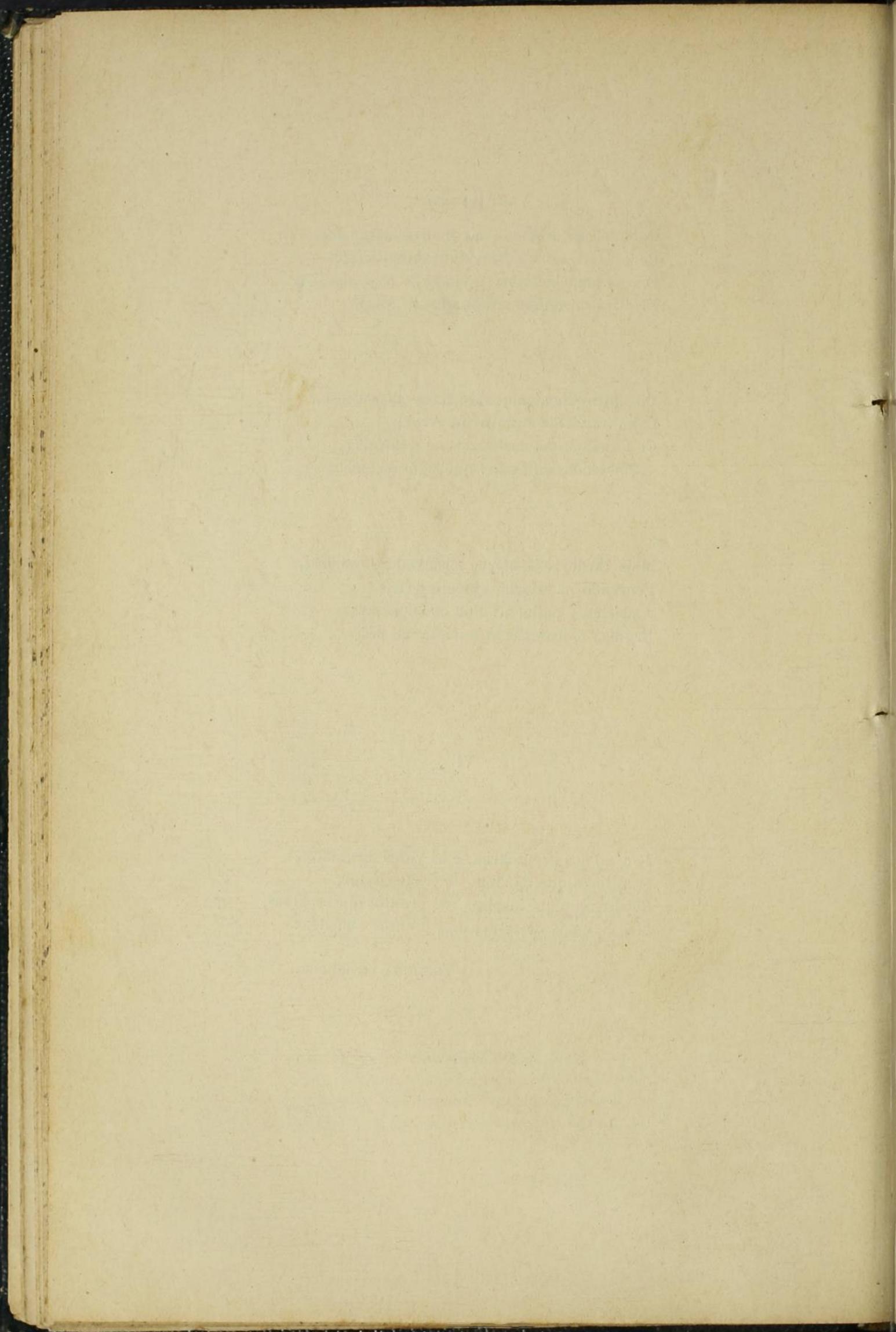
Ou antes—que, enquanto flava em seu fuso,
Caim fraticida matava-lhe Abel;
Co'a enxada paterna fazia-lhe a cova...
—Que lendas mimosas! que favos de mel!

Mais tarde... já moço, scismando de amores,
Pensando na gloria, sedento de fé,
Amei-te os pallores! Por onde passavas
Erguias as campas co'a ponta do pé!

VI

E o pó dos sepulchros, e as vozes dos mares,
Das flores que morrem, do triste cantor,
São hymnos que inspiras, são prantos que espalhas,
Mas hymnos de festa; mas prantos sem dor!

TEIXEIRA DE MELLO.



NÃO VENHAS!

A UMA RIO-GRANDENSE

I

Vens tão tarde!... A noite é bella,
Si a filha dos sonhos d'ella
Lhe treme no seio azul...
Mas tu, visão de momento,
Pelo meu céu nevoento
Deixas teus campos do sul?!

Trama por sonhos tecida,
Fita de seda era a vida
Que m'embalava o bercinho;
Hoje... andorinha rasteira,
Por terra adejo estrangeira
Chorando meus céus e ninho.

Em minh'alma anda a desgraça
Como um mocho que esvoaça
Por cima de um mausoléu:
E' talvez presentimento
De algum triste soffrimento,
De algum futuro escarcéu!

Tu vens de tarde sósinha,
Descabellada, tristinha,
E rente de mim te sentas
A' sombra d'estes palmares;
Vens ver-me, cortando os mares
Nas minhas azas cinzentas?

Não venhas! Talvez que ainda
Tu cuides que a vida é linda
Como o teu céu sempre azul,
Ou como um mar sempre verde,
Por onde a vista se perde
Como em teus pampas do sul.

Inda vives de esperanças!
Não enchem mortas lembranças
O teu peito inda vasio...
Já também dormi sorrindo
Como um botão s'entreabrindo!
— Agora já não me rio!

II

Tu me sorriste? Não creio!
Não vi molhar-se o teu seio
Nas azas do amor primeiro!
Despertas da infancia agora
E te debruças uma hora
No leito do forasteiro...

Tão tarde, virgem! que esperas?
Tu te ergues ás primaveras
E eu pendo já para o outomno!
Ai! loira visão de Rubens,
No teu céu não tens as nuvens
Que passam pelo meu somno.

Por isso te ris ainda
E pensas que a vida é linda,
Que é sempre um verde El-dorado,
Que as flores são sempre bellas,
Que os mares não têm procellas,
Que o céu é sempre anilado!

Tu vês o sol sempre lindo!
Tu dormes teu somno rindo,
Como um menino innocente;
Mas eu, além d'estes mares,
Nos leques dos meus palmares
Deixei meu ninho inda quente.

E tu sem cuidados dormias!
Sedenta de amor querias
As canções com que sonhaste!
Como era teu somno lindo!
Eras menina dormindo —
Moça já — quando acordaste!

Quando acordaste — teu riso
Valia — do paraiso
Que eu concebêra — as visões!
Agora pelo deserto
Já tens um caminho certo,
Uma luz nas cerrações.

O teu amor de menina
Ha de mudar muita sina
Com vozes de animação!
— Seja esta lenda bendita!
Seja esta pagina escripta
Nas folhas do coração! —

Não me illudi quando cria
Na dolente melodia
De tua voz argentina...
Porque tão cedo quebraste
As azas com que voaste
Por teus sonhos de menina?

III

Não têm as flores perfume,
Nem os astros, que em cardume
Por cima rolam de mim,
Scentelhas com que me fallem
Nem canções com que me embalem!
— E eu queria um mundo assim!

Um mundo todo mysterio,
Onde o amor é um sonho a-rrio,
Uma eterna mocidade;
Onde a vida é um canto lindo
Que os anjos cantam dormindo
Nos braços da eternidade.

Não têm os bosques descanso,
Não têm as aguas remanso,
Não têm as noites relento
Que adormentem meus sentidos
E acordem nos meus ouvidos
As canções do esquecimento!

Não acho na terra um seio
Que me adormeça de enleio,
De que acorde ardendo em febre!
Pobre, rasteira avezinha —
Procuro em terra maninha
Um galho que se não quebre!

Onde haja musgo em que teça
Um ninho em que eu adormeça
Com meus amores implumes;
Onde não vinguem espinhos;
Onde ao sol—entre carinhos —
Viva de azul e perfumes!

Procurei no mundo todo
Um ponto, perla no lodo,
Onde o amor fosse verdade!
Onde a vida fosse um lago!
Nosso baixel... um afago!
Nossa brisa... a mocidade!

Ai! quanto idyllo formoso!
Quanto sonho mentiroso
Sonhando longe de ti!
Que aurora, virgem! que aurora
Não sinto perder agora
Depois que te conheci!

Não scismas como eu scismava?
Não cuidas como eu cuidava?
Não amas como eu—talvez!
Tu vês através d'um prisma
Um céu além d'uma scisma
E o mundo a teus pés não vês?!

O mundo quando nasceste
Pendeu-te do olhar celeste
O philtro da seducção,
E disse: Aquella menina
Ha de mudar muita sina
Em lendas de animação,

Assim foi !... Quando sorriste,
Tudo, tudo o que era triste
Nos areaes do passado
Trocou-se em cantos suaves
Como os pipilos das aves
De tarde num descampado.

IV

E' tarde, amores, é tarde;
Uma scentelha não arde
Na cinza dos seios meus!...

— ALVARES DE AZEVEDO.

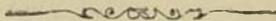
Não venhas, si ainda esperas
Que as flores das primaveras
Acordem fructos no outomno!
Não venhas, se já quebraste
As azas com que voaste
Nas tuas noites sem somno!

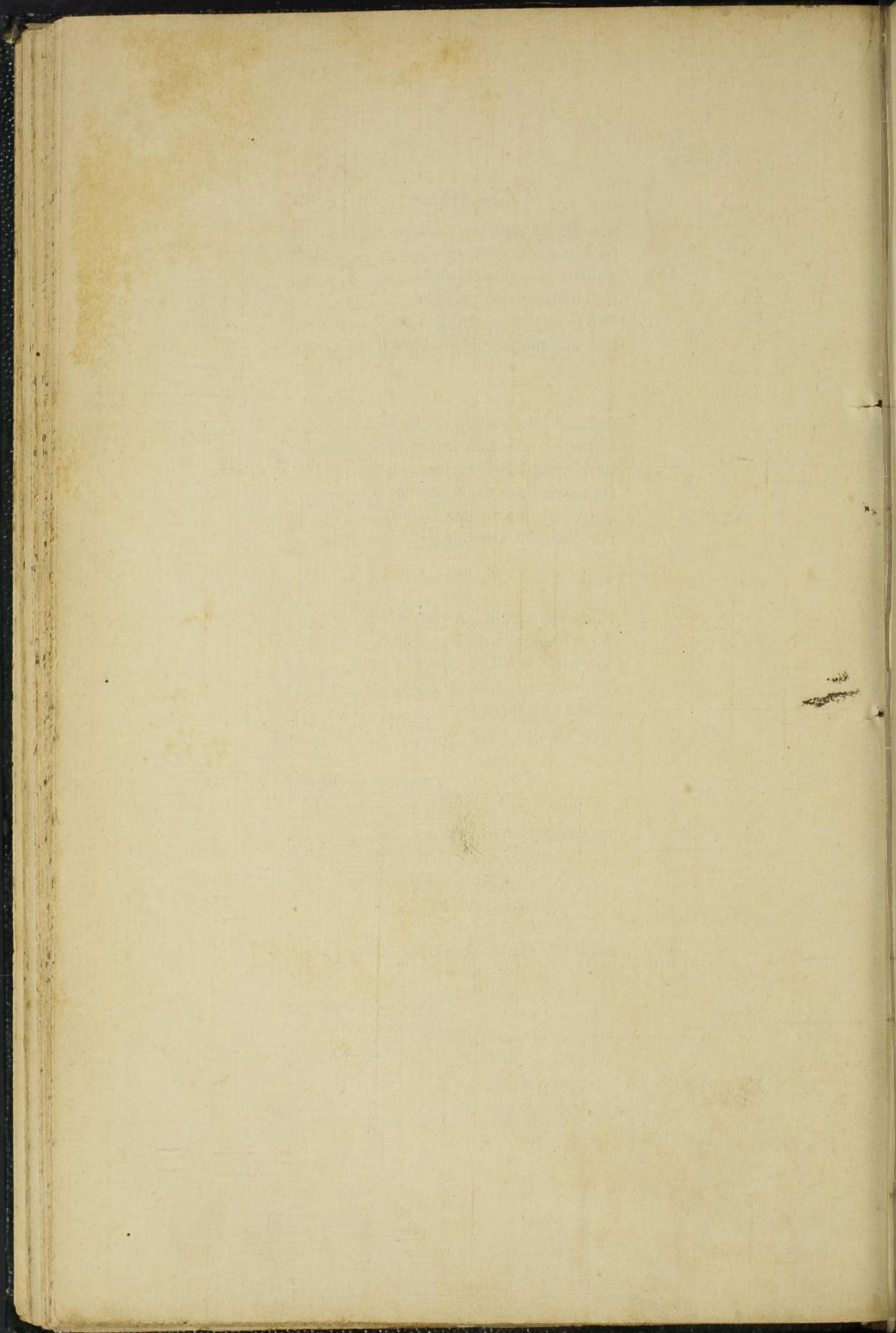
Não vês na pallida fronte
Do desmaiado horizonte
Aquella nuvem sombria?
E aquella nuvem perdida
Não te diz que o fim da vida
E' o mesmo que o fim do dia?

Que além dos sonhos da terra
— Onde o amor ás tontas erra —
Ha outros sonhos melhores!
Ha outros céus mais serenos,
Outro sol que queima menos
Por horizontes maiores?

Não venhas, que vens já tarde!
No céu de inverno não arde
Um raio do sol de outr'ora!
Tu não vieste quando era
Minha vida primavera...
Que vens tu buscar agora?!

TEIXEIRA DE MELLO.





A VIRGEM DAS FLORESTAS

(ELEGIA BRAZILIANA)

Quando a virgem vivia, ao pé da porta,
Onde á tarde sentava-se fiando,
Vinham as pombas num risonho bando
Beijar-lhe a bocca e as tranças virginaes :
Agora que ella está morta
As pombas não voltam mais !

Tudo na solidão se transformava
Quando ella apparecia !
A jassanã fugaz a aza estendia
E em roda d'ella timida voava
Piando de alegria !
Os sabiás da matta descansados
Entre os galhos annosos,
Quando ella passava, debruçados,
Cantavam mais chorosos !
Tudo na solidão se transformava
Quando ella apparecia :
Uma rêde de flores encobria
O chão que ella pisava.

Quando ella cantava, a aragem santa,
Que a terra banha pela noite bella,
Levava ao céu das meigas vozes d'ella
O meigo accorde e os indiziveis ais :
Agora, que ella não canta,
A aragem não sopra mais.

Ella era a voz da solidão, o encanto
De toda a natureza :
Dos seus hombros pendia o louro munto
Da vida e da belleza :
Nos seus olhos escuros ondulava
Uma scisma ideal...
Sobre o seu seio, humildemente envolto
Na chita virginal,
Cahia em ondas seu cabello solto.
A jurity que ao pé da noite chora
Nem tão leve pisava
Sobre o orvalho da relva seductora :
Quando ella caminhava,
O vento, o espinho e o vime retirava
De seus mimosos pés nús e macios.
No triste azul dos rios,
A cuja sombra o coqueiral murmura,
Na face lisa e pura
Da lagôa serena, a face d'ella,
Como no mar o vulto d'uma estrella,
Brilhava doce e altiva !
A solidão inteira a idolatrava,
E toda a natureza,
Que a sua maga sombra acarinhava,
Via nella a imagem fugitiva
Da vida e da belleza.

Quando ella sonhava, a luz risonha
Dos astros pelas frestas penetrando,
Na sua agreste cama repousando,

Vinha saudar-lhe os sonhos festivaes:
Agora que ella não sonha
Os astros não brillham mais.

Ella habitava uma choupana, um ninho
Fresco e macio, á margem da lagôa;
E como o passarinho
Que o ninho apenas deixa quando vôa
Plumoso pelos céus,
A cabana perdeu-a no momento
Em que da morte o pavoroso vento
Levou-a para Deus!
Perto da casa d'ella as casuarinas,
Os pinheiraes de parasita cheios,
Gemiam aos anceios
D'aura medrosa nas manhãs divinas.
Um pé de murta, um outro de boninas,
Sobre a tosca janella,
Por suas mãos queridas orvalhados,
Formavam os cuidados
E os sonhos todos da existencia d'ella!
Nunca molhou-a o pranto do desgosto:
Si, ás vezes, no seu rosto
Uma saudosa pallidez vagava,
Vinha logo o sorriso que a apagava!
Ella era pura, e Deus, que a procreára,
Vendo-a tão bella, tão mimosa e cara,
Teve medo, talvez, Deus teve medo
De cedel-a á existencia torpe e avára
E matou-a tão cedo!

Quando ella rezava, a natureza,
Deslumbrada de amor, a idolatrava;
E a propria nuvem tremula baixava
Para envolvel-a em mantos sideraes:
Agora que ella não reza,
As nuvens não descem mais.

Ella morreu enfim ! Morreu na hora
Em que no oriente bruxulêa a aurora,
Cercada de esplendores:
Como a aurora dos céus, foi entre as flores
Que ella exhalou o derradeiro alento...
Os suspiros do vento
Tornaram-se mais doces ! Mais suaves,
Na molle sombra do arvoredó, as aves
Passaram pipillando ;
Os riachos mais ternos e sentidos,
Entre os cipós rolando,
Ouvir deixaram lugubres gemidos.
No espesso bosque da floresta bella,
O passaro saudoso
Parecia um adeus dizer ancioso
A' sombra inteira que fallava d'ella !
O rio, a fonte, o passarinho, as flores,
Tudo padece e chora !
Ella morreu enfim ! Morreu na hora
Em que no oriente bruxulêa a aurora
Cercada de esplendores !

Quando a morte colheu-a, ella sorria
No melhor dos seus sonhos de criança,
E sobre tanto amor, tanta esperança,
Abriu a morte as azas funeraes:
Agora que ella está fria,
Seus labios não riem mais.

Branca mortalha de cheiroso linho,
Macia como os vellos de alvo ninho,
Seus restos encobrirám ;
Os braços maternas a conduziram,
Hirtos de dôr, gelados de amargura,
Ao pouso derradeiro.
Foi no seio do bosque e da espessura,

Onde as auras do céu têm mais doçura
E as aves mais tristeza ;
Onde os raios do sol com mais pureza
Baixam da immensa e divinal planura ;
Ahi onde pousado no ingazeiro
Do ninho á borda o sanhaçú murmura,
E a rôla branca e pura
Exhala á tarde o canto derradeiro,
Que a enxada d'um cabreiro
Abriu-lhe a sepultura.

Quando ella enterrou-se, as casuarinas
Choraram surdamente, e na janella,
Entre as boninas, entre as flores d'ella,
Passou o vento em dolorosos ais:
Orphãs de amor, as boninas
Agora não vivem mais.

Era ao cahir da tarde: a Ave-Maria
Recortando os espaços ondulava
Na aza vibrante e fria
Do vento que entre as arvores cantava !
Dos pastores a voz acompanhava
O balido da ovelha demorada ;
A tremula toada
Da guitarra vibrava tristemente,
Num céu de opala a lua transparente,
De sonhos coroada,
Erguia aos poucos a cabeça algente ;
Mais meigo aroma o brando rosmaninho
Derramava nos ares...
Pela face do lago os nenuphares
As folhas estendiam ; de mansinho
Corria a aragem na floresta esguia ;
Era a hora em que um véu de melodia
Desenrola-se da cupola dos céus ;
Hora em que foge o dia

Nos abysmos do mar ; —grande momento
Em que o olhar seguindo o pensamento
Desvenda o firmamento,
E vai cegar-se no esplendor de Deus !

Era ao cahir da tarde : a muda terra
Ia esconder-lhe a fronte idolatrada ;
Cava rangia a funeral enxada,
Gemia ao longe o sabiá da serra.

Materna bocca reviver tentava
No seio d'ella o coração dormente :
E a enxada rangia surdamente,
E a alma d'ella ja no céu estava !

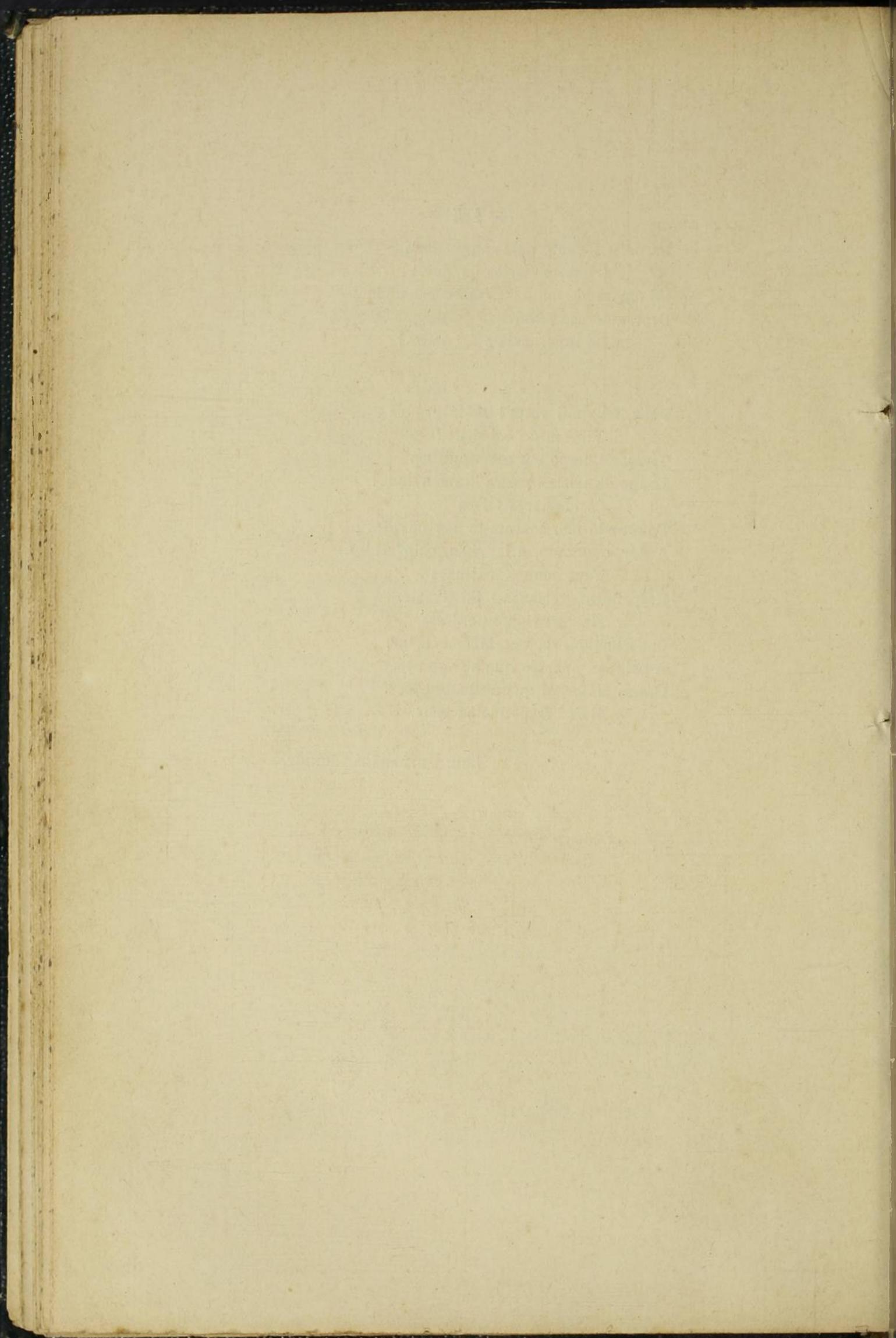
Quando a alvorada, de esplendor vestida,
No levante surgiu, entre a espessura,
Sobre a terra que deu-lhe a sepultura
Havia apenas uma cruz erguida...

Hoje, o que resta d'ella ? Resta apenas
Um bocado de terra acre e selvagem
Coberta de açucenas,
Onde sussurra a lamentosa aragem ;
Ao pé de sua cova um ente amigo
Cavou tambem o maternal jazigo ;
A cabana musgosa, abandonada
A's chuvas e á invernada,
Cahiu por terra : os lagos murmurantes,
Que cingiram-lhe as fórmas, que espelharam
Seus olhos deslumbrantes,
Já de todo seccaram :
Tudo é silente e morto e desprezado :
Entre os galhos do bosque desseccado,

Da noite o vento passa angustiado,
 Como um grito de dôr !
Ella morreu emfim ! Ermo e profundo
Dentro do seu sepulchro dorme um mundo
 De innocencia e de amor !

Feliz, feliz mil vezes ! Santa e pura
 Virgem da soledade !
Tiveste o berço teu e a sepultura
Longe da triste e negra humanidade !
 Os clamores fataes
Do mundo não soaram-te aos ouvidos ;
A dôr, o engano, a lagrima, os gemidos,
 Teus sonhos matinaes
Respeitaram, criança ! Só tiveste
 Na terra, que perdeste,
Onde brilhou da tua infancia a luz,
A palhoça querida que abrigou-te,
O seio maternal que acalentou-te,
 E os braços d'uma cruz.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.



O CANTO DA SERTANEJA

Eu sou a virgem morena,
Robusta, lesta e pequena,
Como a cabrita montez ;
Vivo cercada de amôres,
E aquelle que fez as flores,
Irmã das flores me fez.

Vinde ver, ó boiadeiros,
Meus vestidos domingueiros,
Meus braços limpos e nús ;
Ah ! vinde ver-me enfeitada,
Com minha saia engommada,
Com meus tamancos azues.

Sertanejos, sertanejos,
Pedis de balde os meus beijos,
Em vão pedis meu amor !
Eu sou agreste cotia,
Que se expõe á pontaria
E ri-se do caçador !

A sertaneja morena,
Bonita, forte, pequena,
Não cahe na armadilha, não ;
A jassanan corre e vóa
Quando vê sobre a lagôa
A sombra do gavião.

Sou orphã, donzella e pobre,
Vistosa telha não cobre
O lar que herdei de meus pais:
Qu'importa ? Vivo contente ;
Ser moça, bella e innocente
E' ter fortuna de mais !

Quem guarda e protege o ninho,
Quem defende o passarinho,
Quem das mãos espalha o bem,
Quem fez o sol e as estrellas,
Dando a virtude ás donzellas,
Deu-lhes a força tambem.

A Virgem nunca se esquece
Da mais pobre e simples prece,
Que cahe no seio de Deus !
Por cada orphã que chora,
Abre na terra uma aurora,
Cava uma estrella nos céus !

Sertanejos, sertanejos,
Podeis morrer de desejos,
Que eu não me temo de vós !
A sertaneja faceira
E' mais que a paca ligeira,
Mais que a andorinha veloz !

Sou lesta, arisca, raivosa,
Bem como a onça medrosa,
Prompta ao mais leve rumor!
No meu cabelo selvagem
Sente-se a morna bafagem
Das mattas virgens em flor.

No samba quem pucha a fieira
Melhor, melhor que a trigueira
Maravilha dos sertões?
Que peito mais brando aneia?
Quem pula, quem sapateia,
Quem pisa mais corações?

Ai! gentes! ai! boiadeiros!
Não sois de certo os primeiros
Que o meu olhar captivou:
D'esta morena a doçura,
É como trecha segura:
Peito que encontra rasgou!

Minha rêde é perfumada
Como a folha machucada
Da verde malva maçan:
Nella me embalo dormindo,
E salto d'ella sorrindo,
Quando vem vindo a manhan.

Sonho com jambos e rosas,
Co'as madrugadas formosas
D'este formoso sertão:
Meu sonho é como a canôa,
Que vôa, que vôa e vôa
Nas aguas do ribeirão...

Trago no seio guardado
O rosario abençoado
Que minha mãe me deixou:
Ai! gentes! ai! pastorinhas!
Si estão alvas as continhas,
Foi que meu pranto as lavou.

Quem é mais feliz na terra?
Quem mais encantos encerra,
Quem mais venturas contém?
Vem, moreno boiadeiro,
Desafiar meu pandeiro
Com tua guitarra, vem!

Raiou domingo! Que festa!
Que barulho na floresta,
Quanto rumor no sertão!
Que céu! Que mattas cheirosas!
Quanto perfume nas rosas,
E quantas rosas no chão!

Vinde ouvir-me na guitarra:
Não ha nas brenhas cigarra
Que me acompanhe, não ha!
Trazei, trouxe, boiadeiros,
As violas, os pandeiros,
Os busios, o maracá.

Eu sou a virgem morena,
Robusta, lesta, pequena,
Como a cabrita montez:
Vivo cercada de amores,
E Aquelle que fez as flores
Irman das flores me fez.

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.

VERSOS A UM ANJO

Quando eu te vejo minha mãe contemplo ;
Brilham seus olhos no teu doce olhar ;
Sois dous archanjos em um mesmo templo,
Dous evangelhos em um mesmo altar.

Quando tu fallas, cuido ouvir, formosa,
Os labios d'ella num sorriso em flor ;
Sois duas auras numa mesma rosa,
Ou duas lyras a vibrar de amor!

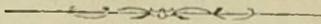
Quando tu rezas, tentadora e calma,
Vejo-a ; em ambas bate a mesma luz ;
Sois duas vidas resumindo uma alma,
Sois os dous braços d'uma mesma cruz!

Tu edificas meu futuro, e ella
Deu-me o passado nú de angustia e dôr.
Sois os dous raios da mais viva estrella,
As duas phases do mais casto amor !

Foi nos seus braços que meu ser exangue
Banhou-se em ondas de ternura e fé ;
Mas, ah ! por ti eu verterei meu sangue
E as crenças todas do passado até !

Quando eu te vejo minha mãe contemplo ;
Brilham seus olhos no teu puro olhar ;
Sois dous archanjos em um mesmo templo,
Dous evangelhos em um mesmo altar !

LUIZ GUIMARÃES JUNIOR.



A MULATA

Eu sou mulata vaidosa,
Linda, faceira, mimosa
Quaes muitas brancas não são!
Tenho requebros mais bellos;
Si a noite são meus cabellos,
O dia é meu coração.

Sob a camisa bordada,
Fina, tão alva, arrendada,
Treme-me o seio moreno:
É como o jambo cheiroso,
Que pende ao galho frondoso
Coberto pelo sereno!

Nos bicos da chinellinha
Quem vò a mais levesinha,
Mais levesinha do que eu?...
Eu sou mulata tafula;
No samba, rompendo a chula,
Jámais ninguem me venceu.

Ao afinar da viola,
Quando estalo a castanhola,
Ferve a dança e o desafio;
Peneiro n'um molle anceio;
Vou mansa n'um bambaleio
Qual vai a garça no rio.

Aos moços todos esquiva,
Sendo de todos captiva,
Demoro os olhares meus;
« Que tentação... que maldicta...
Bravo, mulata bonita! »
— Adeus, meu yoyô, adeus...

Minhas yayás da janella
Me atiram cada olhadella...
Ai! *dá-se!* mortas assim!
E eu sigo mais orgulhosa,
Como se a cara raivosa
Não fosse feita p'ra mim.

Na frente, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa
Melhor que c'roa gentil,
E eu posso dizer ufana
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

Nos meus pulsos delicados
Trago coraés engrazados,
Contas d'ouro e coralinas;
Prendo o meu panno á cintura,
Que mais realça á brancura
Das saias de rendas finas.

Si tenho um desejo agora,
De meus affectos senhora,
Sei encontral-o no amor.
Ai! mulata! ai! borboleta!
E' tua sina inquieta,
Tu pousas de flor em flor.

Meus brincos de pedraria
Tombam, fazendo harmonia
Com meu cordão reluzente;
Na correntinha de prata
Tem sempre e sempre a mulata
Figuinhas de boa gente.

Eu gosto bem d'esta vida,
Que assim se passa esquecida
De tudo que é triste e vão!
Um dito bem requebrado,
Um mimo, um riso, um agrado
Captivam meu coração.

Nos presepes da Lapinha
Só a mulata é rainha,
Meiga a mostrar-se de novo;
Da sua face ao encanto
Vai-se o fervor pelo santo,
P'ra o santo não olha o povo!

Minha existencia é de flores,
De sonhos, de luz, de amores,
Alegre como um festim!
Escrava, na terra um dono,
Outro no céu sobre um throno,
Que é meu Senhor do Bomfim.

Na frente, ainda que baça,
Me assenta o troço de cassa,
Melhor que c'roa gentil;
E eu posso dizer ufana
Que qual mulata bahiana
Outra não ha no Brazil.

DR. MELLO MORAES FILHO.

— reover —

O CANDOMBLÉ

(CASA DE DAR FORTUNA)

E' meia-noite! A lua véte sinistra luz!
N'uma casa de palha, cercada de paúes,
Um grupo de homens negros, dansando, em alaridos,
Os écos atroavam com vozes e gemidos:
Assim a tempestade lá dos bulcões sombrios,
Se atira galopando pelos gigantes rios!...

Entremos. Na palhoça dão-nos seguro abrigo...
O lar é hospitaleiro, é quasi um lar amigo.
Que vemos?—Na parede serpentes penduradas,
No chão, gallinhas pretas, corujas enforcadas,
Cabritos sem cabeça, panellas sobre brazas,
E um *feitico* enorme abrindo enormes azas!

Depois, um rancho esqualido d'um quarto vir sahindo,
Ao som de mil chocalhos o corpo sacudindo.
A' luz de torcida accesa em oleo côr de barro,
Acercam-se os convivas do idolo bizarro...
Mulheres brancas, negras, dansando confundidas,
A' excepção da tanga, achavam-se despidas.

Sobem do pango aos tectos vapores fluctuantes ;
E todos dando as mãos, em lascivos descantes,
Ao santo da fortuna, ao santo de Daggou
Saúdam com o vinho que o deus abençoou...
Então a mulher branca, que finge mais virtude,
Se entrega aos appetites do africano rude!

Era o dia da festa do magico portento,
Nas azas de Dongá se dera um casamento...
Moça de trança loira e face côr dos lyrios,
Em braços de gelo e treva, aos lubricos delirios,
Promette vincular-se da vida á sepultura
Aquelle que causára assim tanta ventura!...

.....
O rei dos feiticeiros estende a velha mão;
Apresentando ao idolo os noivos da funcção,
Fazia sortilegios, rolando uma serpente,
A receber offrendas de tão estulta gente.
Medonho no tregeito, olhar horrorisado,
Passava como sendo um ser quasi inspirado.

Pennas de côres varias ornavam-lhe a cintura ;
Ao tronco lhe escorria narcotica gordura ;
Distribuindo altivo o licor milagroso
Que ia dar delicia, ventura, extremo gozo,
Para o banquete immundo e vil e nauseante,
Um gallo sacrifica ao deus que tem distante.

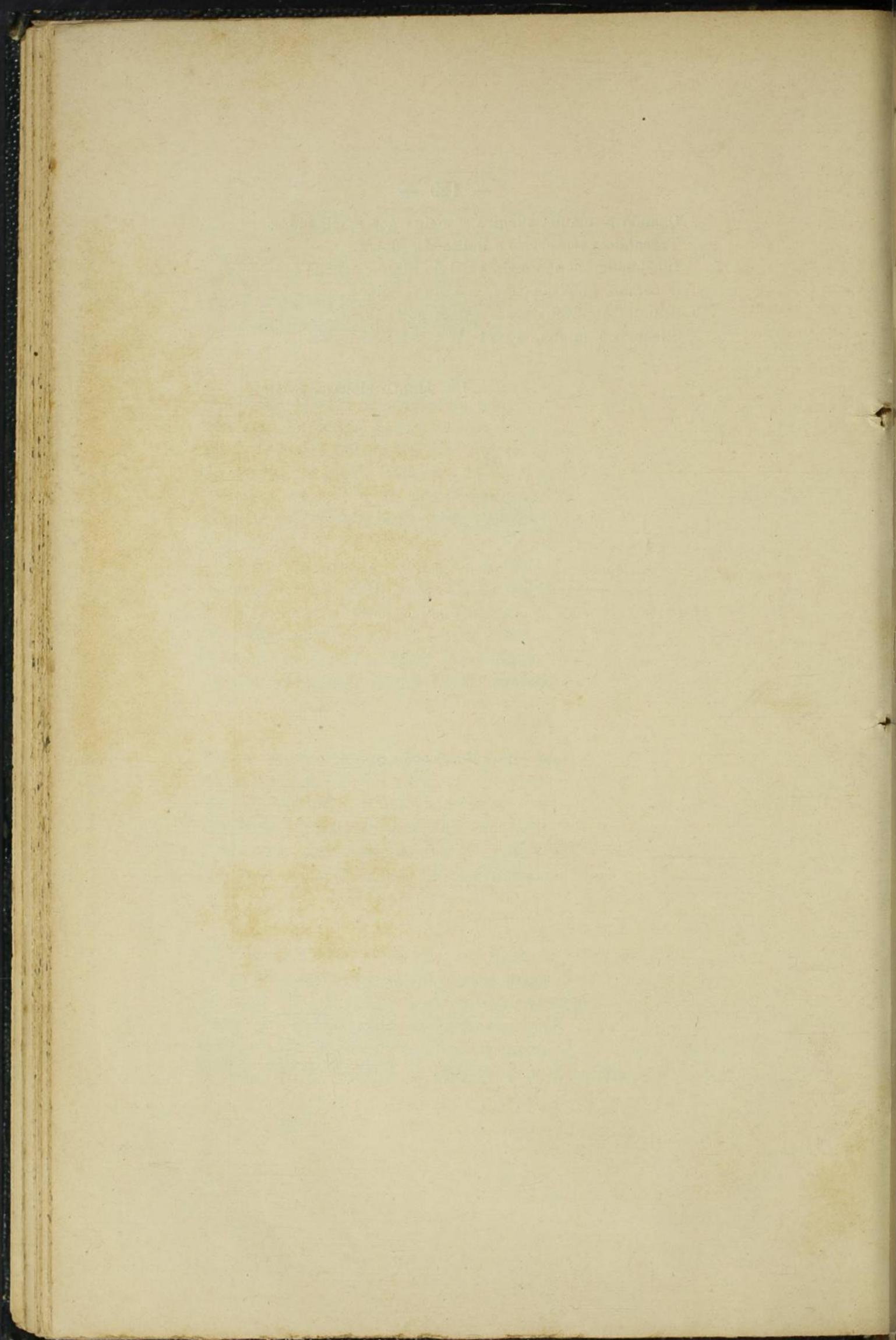
E recomeça a festa, prorompe a gritaria...
Os noivos d'essa noite de tão nojenta orgia
Ao santo vão com a turba, que dansa sem cessar,
Pedir dons ao feitiço, ao deus que faz amar.
Depois... é o alcouce onde a luxuria mora,
Onde a escrava, ás vezes, se encontra com a senhora!...

.....

Quando a manhã surgira e meiga aos resplendores,
Trocando por sorriso o halito das flores,
Do candomblé não mais vestigio algum achou;
O somno, qual a morte, a festa terminou.
Senhor! na minha terra existe noite igual?...
Silencio, ó minha musa! — E' a patria saturnal!...

DR. MELLO MORAES FILHO.





O SANGUE DO JAGUAR

A india americana em solidão bravia
Estaca ao pôr do sol, curvada de tristeza ;
De cada rama um'ave soluça uma harmonia
A' virgem natureza.

O céu é côr de cobre ; da noite as per'las finas
São quaes gottas de fogo em vastas serranias ;
A treva abate os vôos do ar sobre as campinas,
Nas ermas penedias !

A india scisma e segue ; nas emplumadas flechas
Reflectem-se os lampejos d'enrubecidos lumes ;
Adejam-lhe as phalenas em torno das madeixas
Em lucidos cardumes.

A anta agita as folhas na profundez das mattas...
Chocalha a cascavel nas silvas dos vargedos ;
Enroscam-se as serpentes ao fresco das cascatas,
Aos troncos de arvoredos !

O gentio alquebrado o arco á terra inclina ;
Na pedra lasca o fogo que atíça na fogueira :
A rêde que perfuma o odor da tamarina
Amarra na palmeira.

E dos robustos flancos da secular floresta,
Por onde os vagalumes, noctivagas abelhas,
Faiscam repousando da scintillante festa
Nas boninas vermelhas,

A india ouve um rugido... e pára... e se arripia...
Ao chão encosta a face, e em vira-volta audaz
Baqueia—sobre o dorso, e os pés no arco enfia,
Que enteza mais e mais.

A flecha que dispara, transpondo a verde aresta,
Rompe, descendo o espaço, a nuvem que esvoaça ;
E o jaguar, que se espoja, recebe de uma fresta
A morte que o traspassa !

O céu que reverbera as flammias do occidente,
O sangue que a ferida golfeja, entorna, espalha,
Transforma em labareda, n'uma lagôa ardente,
Fantastica fornalha !...

DR. MELLO MORAES FILHO.

CLEOPATRA

CANTO DE UM ESCRAVO

Filha pallida da noite,
Nume feroz de inclemencia,
Sem culto nem reverencia,
Nem crentes e nem altar,
A cujos pés descarnados...
A teus negros pés, ó morte!
Só engeitados da sorte
Ousam frios implorar;

Toma a tua foice aguda,
A arma dos teus furores;
Venho c'roado de flôres
Da vida entregar-te a flor,
É um feliz que te implora
Na madrugada da vida,
Uma cabeça perdida
E perdida por amor.

Era rainha, e formosa,
Sobre cem povos reinava,
E tinha uma turba escrava
Dos mais poderosos reis;
Eu era apenas um servo,
Mas amava-a tanto, tanto,
Que nem tinha um desencanto
Nos seus desprezos crueis.

Vivia distante d'ella
Sem fallar-lhe nem ouvil-a;
Só me vingava em seguil-a
Para a poder contemplar;
Era uma sombra calada
Que occulta força levava,
E no caminho a aguardava
Para saudal-a e parar.

Um dia veio ella ás fontes
Ver os trabalhos... não pude,
Fraqueou minha virtude,
Cahi-lhe tremendo aos pés.
Todo o amor que me devora,
O' Venus, o intimo peito
Fallou naquelle respeito,
Fallou naquella mudez.

Só lhe conquistam amores
O heróe, o bravo, o triumphante;
E que corda radiante
Tinha eu para offerecer?
Disse uma palavra apenas,
Que um mundo inteiro continha:
— Sou um escravo, rainha,
Amo-te e quero morrer,

E a nova Isis, que o Egypto
Adora curvo e humilhado,
O pobre servo curvado
Olhou languida a sorrir ;
Vi Cleopatra, a rainha,
Tremor pallida em meu seio ;
Morte, foi-se-me o receio,
Aqui estou, pódes ferir.

Vem! que as glorias insensatas
Das convulsões mais lascivas,
As phantasias mais vivas,
De mais febre e mais ardor,
Toda a ardente ebriedade
Dos seus reaes pensamentos,
Tudo gozei uns momentos
Na minha noite de amor.

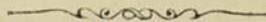
Prompto estou para a jornada
Da estancia escura e escondida ;
O sangue, o futuro, a vida
Dou-te, ó morte, e vou morrer ;
Uma graça unica — peço
Como ultima esperança:
Não me apagues a lembrança
Do amor que me fez viver.

Belleza completa e rara
Deram-lhe os numes amigos ;
Escolhe dos teus castigos
O que infundir mais terror,
Mas por ella, só por ella
Seja o meu padecimento,
E tenha o intenso tormento
Na intensidade do amor.

Deixa alimen ar teus corvos
Em minhas carnes rasgadas,
Venham rochas despenhadas
Sobre meu corpo rolar,
Mas não me tires dos lábios
Aquelle nome adorado
E ao meu olhar encantado
Deixa essa imagem ficar.

Posso soffrer os teus golpes
Sem murmurar da sentença ;
A minha ventura é immensa
E foi em ti que eu a achei ;
Mas não me apagues na fronte
Os sulcos quentes e vivos
D'aquelles beijos lascivos
Que já me fizeram rei.

MACHADO DE ASSIS.



NOIVADO

Vês, querida, o horizonte ardendo em chamma?
Além d'esses outeiros
Vai descambando o sol, e á terra envia
Os raios derradeiros ;
A tarde, como noiva que enrubece,
Traz no rosto um véu molle e transparente ;
No fundo azul a estrella do poente
Já tímida apparece !

Como um bafo suavissimo da noite,
Vem susurrando o vento,
As arvores agita e imprime ás folhas
O beijo somnolento.
A flor ageita o calix ; cedo espera
O orvalho, e em tanto exhala o doce aroma ;
Do leito do oriente a noite assoma
Com uma sombra austera.

Vem tu agora, ó filha de meus sonhos,
Vem, minha flor querida,
Vem contemplar o céu, pagina santa
Que amor a ler convida ;
Da tua solidão rompe as cadeias ;
Desce de teu sombrio e mudo asylo ;
Encontrarás aqui o amor tranquillo...
Que esperas ? que receias ?

Olha o templo de Deus—pomposo e grande ;
Lá do horizonte opposto
A lua, como lampada, já surge
A allumiar teu rosto ;
Os cyrios vão arder no altar sagrado,
Estrellinhas do céu que um anjo accende ;
Olha como de balsamos recende
A croa do noivado.

Irão buscar-te em meio do caminho
As minhas esperanças ;
E voltarão contigo, entrelaçadas
Nas tuas longas tranças ;
No entanto eu preparei teu leito á sombra
Do limoeiro em flor ; colhi contente
Folhas em que alastrei o solo ardente
De verde e molle alfombra.

Pelas ondas do tempo arrebatados
Até á morte iremos,
Soltos ao longo do baixel da vida
Os esquecidos remos.
Calmos, entre o fragor da tempestade,
Gozaremos o bem que o amor encerra ;
Passaremos assim do sol da terra
Ao sol da eternidade.

INDICE

GONÇALVES DIAS

Canção do exílio.....	5
Si se morre de amor.....	7
Adeus aos meus amigos do Maranhão.....	11

CASIMIRO DE ABREU

Minh'alma é triste.....	15
Minha terra.....	19
Amor e medo.....	25
Meu livro negro.....	29

LAURINDO REBELLO

A minha resolução.....	35
Dous impossiveis.....	37
Canto do cysue.....	41

JUNQUEIRA FREIRE

Hymno da caboela.....	43
A orphã na costura.....	47

FAGUNDES VARELLA

Cantico do Calvario.....	51
A roça.....	57

A. A. DE MENDONÇA

A minha estrella.....	61
Mãe e filho.....	65

CASTRO ALVES

Vozes d'Africa.....	69
Navio negreiro.....	75
Hebréa.....	85
Sub tegmine fagi.....	87
O laço de fita.....	91

TEIXEIRA DE MELLO

A' lua.....	93
Não venhas !.....	101

LUIZ GUIMARÃES

A virgem das florestas.....	109
O canto da sertaneja.....	117
Versos a um anjo.....	121

MELLO MORAES FILHO

A mulata.....	123
O candomblé.....	127
O sangue do jaguar.....	131

MACHADO DE ASSIS

Cleopatra.....	133
Noivado.....	137



17423

